

CATEQUESE E BATISMO
METROPOLITA DE LEPANTO, HIEROTHEOS (VLACHOS)



A – A PARÁBOLA DO FILHO PRÓDIGO

1ª Catequese: Cristo e os cristãos

Índice

1. Chamamo-nos cristãos porque nos unimos a Cristo
2. Cristo é Deus e homem
3. Todos os homens o esperavam
4. Vemos sua vida e ensino na Santa Escritura
5. Vivemos sua vida na Igreja por meio dos Mistérios
6. A parábola do filho insaciável (esbanjador, pródigo)

Os que se batizam se convertem em membros da Igreja e se chamam discípulos de Cristo, Cristãos. Nós na Ortodoxia adicionamos o adjetivo ‘Ortodoxo’ para indicar a fé verdadeira e correta, porque também existem Cristãos que têm percepções equivocadas sobre Deus, sobre o homem e sobre sua cura e salvação. Por isso foi necessário falar de Cristãos Ortodoxos.

Os membros da Igreja se chamam Cristãos porque seguem a Cristo em suas vidas, cumprindo sua vontade e unindo-se a Ele por meio dos Mistérios, particularmente pelo Mistério da divina Eucaristia.

A palavra *Christós*, Cristo, vem do verbo *chrío*, ungir, e exprime o que está crismado, ou seja, aquele que foi crismado por Deus, e se identifica com o Messias do Antigo Testamento. Assim, a palavra Cristo declara que a natureza humana foi tomada pela Segunda Pessoa da Santíssima Trindade e foi crismada por sua divindade. Isto significa que Cristo é o Deus-homem, *theánthropos*. Então com o nome de Cristo manifestamos que Deus se fez homem, sem perder sua divindade, para curar e salvar os homens.

Os homens sempre desejaram a salvação, por isso esperavam ao redentor e salvador. Eles mantinham em sua memória uma vida bendita e ao mesmo tempo viviam a tragédia da vida pela morte, pelas enfermidades, pelas guerras, pelo ódio dos homens, etc. Por essa razão esperavam o Redentor – havia então uma esperança mundial para o Deus Redentor.

Desde o século VI a.C. se esperava na China o ‘santo do ocidente’ e Confúcio o chamava de *theánthropo*, Deus-homem. Também os babilônios esperavam ao salvador e redentor ‘como deus humanizado, encarnado’. Os hindus esperavam a chegada de um salvador que redimiria o mundo e o faria retornar à ‘antiga época dourada’. Segundo o Vedismo, que é uma antiga forma de Hinduísmo, esperava-se que o deus do fogo e do sol, Agni, se encarnasse de uma virgem, enviado pelo pai dos céus ‘como messias entre deus e o mundo’. Os antigos Gregos também esperavam aquele que é o redentor, a cura e o salvador. Foi-se dito que o redentor de Prometeu, que foi acorrentado nas montanhas do Cáucaso e sofreu terrivelmente por causa de sua infidelidade ao deus Zeus, seria o filho da virgem Iús e de Zeus. Sócrates se refere em sua apologia ao Redentor que esperava e que seria enviado por Deus para o benefício da humanidade. Também a percepção dos Gregos de que existia um Deus desconhecido estava difundida; por isso havia dedicado em Atenas um monumento cujo título era ‘ao Deus desconhecido’. A mesma busca e desejo observamos nos romanos e em todos os povos. Naturalmente os Hebreus esperavam o Redentor e Salvador, porque os Profetas e particularmente o Profeta Isaías – que foi qualificado como ‘o trono dos Profetas’ e ‘o quinto Evangelista’ – descreveram muitos detalhes sobre a chegada, vida e padecimentos [*páthos*] do Filho do homem.

Assim, este Deus que todos os homens esperavam em todos os séculos é Cristo. Em sua pessoa [*hipóstase*] se uniram Deus e o homem. Nasceu pelo Espírito Santo e da Virgem Maria. Sua concepção e nascimento aconteceram milagrosamente. O Filho de Deus se fez filho do homem para curar e salvar o homem. Se estudarmos suas palavras e obras veremos que supera claramente a

todos os outros chefes religiosos. Enquanto estes foram homens, Ele é o Deus-homem. Falou sobre o amor (uma energia incriada), sobre a limpeza e pureza do coração e dos desejos, venceu o pecado (a enfermidade), venceu o diabo, venceu a morte e ressuscitou dos mortos. Nenhum chefe religioso está ressurreto. Cristo ressuscitou e assim venceu a morte e o diabo, é o único chefe religioso cuja tumba está vazia, sem ossos. Por isso é o único Deus-homem.

Chamamo-nos Cristãos porque cremos ser Ele o verdadeiro Deus e cumprimos Seus mandamentos em nossa vida pessoal. Aspiramos adaptar nossa vida à vida Dele. Cristo não é um filósofo perfeito e um bom legislador, não é um moralista e um chefe religioso – embora seja a mais perfeita religião – , mas sim o vencedor da morte, do diabo e do pecado. Ele não veio simplesmente para mudar as condições exteriores da vida do homem, mas para santificar, metamorfosear, glorificar, deificar o homem e fazê-lo filho pela Graça, a energia incriada de Deus. Cristo é por natureza Filho de Deus; nós devemos nos converter e nos tornarmos filhos de Deus por meio de sua graça incriada (filhos adotados).

Vemos a vida terrena de Cristo no Novo Testamento e particularmente nos quatro Evangelhos escritos por seus discípulos. Ali há poucos dados sobre Seu nascimento e educação. Mas são descritos principalmente três sinais: primeiro, o que Cristo disse; segundo, o que ele fez; e terceiro, o que Cristo passou e sofreu pelos homens. 1) O que Cristo disse vemos em suas palavras, mandamentos, parábolas e ensinamentos; 2) o que Cristo fez vemos nos milagres que realizou por caridade e amor aos homens, como também para destacar ensinamentos altíssimos. Ou seja, curou o cego de nascença e também curou sua alma¹ para revelar ser Ele verdadeiramente a luz do mundo; 3) o que Cristo passou vemos nos padecimentos que sofreu pela cura e salvação do gênero humano. Naturalmente a continuação de seus padecimentos é também sua ressurreição, significando que Cristo como Deus ressuscitou a natureza humana, que havia

¹ 'Psicoterapia'.

morrido sobre a cruz. Nesses três pontos se vê claramente a Pessoa, a missão e a obra de Cristo.

Não lemos somente na Santa Escritura a grande obra de Cristo e sua divindade, mas também a vivemos dentro da Igreja. Pelo Mistério do Batismo nos convertemos em membros do Corpo de Cristo e vivemos em nossa vida pessoal a Paixão, a Cruz, o Enterro e a Ressurreição de Cristo. Assim vivemos todos esses acontecimentos em nossa vida. Pelo Batismo morremos e somos enterrados, manifestado pela tríplice imersão na pia-batismal. Pela divina Comunhão recebemos em nosso interior o mesmo Corpo de Cristo e pela *théosis* ou glorificação nos unimos a Ele.

Por esta razão somos Cristãos, discípulos de Cristo: porque nos unimos a Ele. Tal qual o discípulo do colégio tem o mestre como protótipo ou modelo, assim também nós temos Cristo como padrão e exemplo de vida, conduta e governo. Tal qual o pintor leva em conta um ideal que quer representar, assim também nós temos Cristo como modelo de nossa vida, e queremos transformar nossa vida na vida de Cristo.

São João Crisóstomo (boca-de-ouro) disse que, dentro da Igreja, Cristo se chama o caminho, porque por Ele subimos ao Pai; pedra angular, porque Ele a tudo sustenta; raiz, porque graças a Ele florescemos; Pastor, porque Ele nos alimenta; cordeiro, porque Ele se sacrificou por nós, nos curou e nos salvou; vida, porque enquanto estávamos mortos pelo pecado, Ele nos deu vida; luz, porque nos libertou da escuridão; vestimenta, porque pelo Batismo nos vestimos dEle enquanto estávamos nus; banquete, porque nos alimentamos dEle pelos Mistérios; casa, porque vivemos dentro dEle; e inquilinos, porque somos templo dEle.

Todos esses nomes que foram, em sua maioria, por Ele mesmo revelado a nós no seu ensino, manifestam qual é a obra de Cristo, qual é a causa e o propósito por ter-se feito Filho do Homem e também qual a nossa relação com Ele. Não é simplesmente um chefe religioso, nem um reformador social, mas sim a luz incriada e nossa vida, nossa cabeça e santificação, nossa Cura, nosso

Salvador e Redentor, nosso Pai e nossa Mãe. Essa relação com o Cristo também é pragmática, real, orgânica, e não abstrata e intelectual ou meditativa. Ao chamarmo-nos de Cristãos, indicamos esta relação orgânica e essencial com Ele.

Entre o que Cristo disse a seus discípulos se conservam também as famosas parábolas. Parábolas são algumas imagens e histórias ditas por Cristo dentro das quais se escondem grandes verdades. Por exemplo, utilizando-se da parábola das bodas, Cristo manifestou que a divina Eucaristia, como também a realidade criada de Deus, é a boda espiritual, dado que une o homem de maneira real com Deus.

Uma das parábolas de Cristo é a do filho insaciável, esbanjador ou pródigo (Lucas 15:11-32). Se trata de uma famosa parábola dentro da qual se escondem grandes verdades. Pode-se dizer que ela revela qual é a finalidade da encarnação de Cristo, qual é a queda do homem, qual é o trabalho da Igreja e como alguém pode se curar e se salvar. Dentro desses marcos se manifesta toda a vida cristã.

Com simples palavras a parábola descreve o seguinte:

‘Um homem tinha dois filhos. Um dia o filho caçula pediu ao pai sua parte na fortuna que lhe pertencia, sua fortuna legítima, e partiu para longe de casa. Ele viveu insaciavelmente esbanjando a fortuna, e quando se encontrou em grande necessidade se fez escravo e pastoreou porcos. Em sua tristeza lembrou-se da vida de felicidade que havia em sua casa paterna e decidiu voltar a ela, mas não como filho, e sim como trabalhador. Enquanto voltava para casa, viu que seu pai estava esperando-o. Seu pai correu, abraçou-o e beijou-o. O filho insaciável pediu perdão e disse-lhe que era indigno de considerar-se seu filho e que desejava ser seu assalariado, já que havia gastado toda sua fortuna. O pai, porém, deu ordens para que vestissem o filho com a melhor vestimenta, colocassem-no o anel e os calçados e que matassem o melhor bezerro. Assim fez uma festa.

Mas quando o filho mais velho voltou para casa e escutou a festa que se fazia pediu para saber porque tudo isso estava acontecendo. Quando disseram-no que era porque seu irmão havia voltado, aborreceu-se e não queria entrar em casa. Seu pai tentou fazê-lo mudar. Mas ele, utilizando pretextos lógicos, principalmente expressando inveja, não queria entrar em casa e deixa a entender que no fim não participou na alegria pelo regresso do seu irmão perdido e morto (espiritualmente).’

Esta famosa parábola indica toda a obra de Cristo e também a vida da Igreja. Nas próximas catequese vamos analisar e ver mais amplamente todos seus conceitos espirituais.

Desta primeira catequese devemos reter que Cristo é o Deus-homem, e por isso é a cura e o salvador real dos homens. Não existe nenhum outro que cure, nenhum outro salvador e redentor. Sobre esta pedra de fé e confissão a vida cristã deve ser sustentada. Nós que vivemos dentro da Igreja nos chamamos e somos Cristãos, porque somos estritamente vinculados e unidos a Cristo, nos alimentamos do seu Corpo e do seu Sangue e vivemos em nossa vida pessoal todos os acontecimentos de Sua vida.

2ª Catequese: O Deus cristão

Índice

1. Deus é nosso pai
2. A trindade de Deus
3. Primeiro aceitamos essa verdade logicamente e depois vivemo-la pessoalmente
4. Deus é Pessoa e amor
5. O verdadeiro Deus e os ídolos das religiões
6. Cristo é irmão e amigo

Na parábola do filho pródigo, ou insaciável, Deus se apresenta com a imagem do Pai. Foi dito: 'um homem tinha dois filhos.' Quando o filho caçula pediu sua parte, disse: 'pai, dá-me a parte da fortuna que me pertence' (Luc. 15:11 - 12). Nessa parábola a figura central é a do pai. Por isso existem intérpretes que ao invés de chamá-la de 'parábola do filho pródigo', a qualificam com as frases 'o pai caridoso' ou 'a bondade do pai'. O pai da parábola afronta com amor e compaixão o filho menor e com filantropia a extravagância e capricho do filho mais velho.

O ícone, a imagem do pai para Deus é utilizada com dois conceitos. O primeiro se refere à primeira Pessoa da Santíssima Trindade, da qual nasceu o Filho antes de todos os séculos e da qual procede o Espírito Santo; e o segundo conceito se refere à relação entre o homem e Deus, sendo que Deus o criou assim como criou o mundo inteiro.

O verdadeiro Deus no qual nós Ortodoxos cremos é Trinitário: Pai, Filho e Espírito Santo. Ademais, as três pessoas da Santíssima Trindade têm o mesmo valor, a mesma glória e a mesma força ou *energia*. Isso significa que

nem o Pai é superior ao Filho, nem o Filho inferior ao Pai e superior ao Espírito Santo, nem o Espírito Santo é inferior ao Pai ou ao Filho. Tal qual os três lados de um triângulo equilátero são iguais, também são iguais as três pessoas da Santíssima Trindade. A única diferença é que o Filho é gerado do Pai e o Espírito Santo procede do Pai.

Essa verdade o próprio Cristo nos revelou em sua encarnação, de modo que São Gregório Palamas nos disse que a finalidade da encarnação de Cristo é revelar o Deus triuno que antes o homem ignorava.

Nós vemos a trindade de Deus no rio Jordão durante o batismo de Cristo como homem. O Filho se batiza, o Pai certifica que Ele é seu filho amado e o Espírito Santo participa 'em forma de pomba' (Luc 3:22). O mesmo vemos na Transfiguração de Cristo sobre o Monte Tabor. O Filho se transfigurou diante dos discípulos e Seu rosto brilhou como o sol, manifestando sua divindade. O Pai certifica que este é seu filho amado e o Espírito Santo toma parte com a nuvem luminosa.

Cristo falou repetidas vezes sobre seu Pai. Uma vez Ele disse: 'o meu pai trabalha sem parar, e eu também trabalho incessantemente para a cura e a salvação do mundo'. Em outra parte Ele disse: 'Eu e o Pai somos um.' (Jo 10:30). Cristo se qualifica a si mesmo como Filho de Deus. Até o final da Sua vida ele revelou também a existência do Espírito Santo: 'Quando, porém, vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que procede do Pai, esse dará testemunho de mim.' (Jo 15:26).

Após Sua ressurreição, Cristo enviou Seus discípulos por todo o mundo para ensinar aos homens, não regando-os com água, mas 'batizando-os, submergindo-os na água em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.' (Mt 28:19). Por isso durante o Batismo a tríplice imersão se faz no nome das três pessoas da Santíssima Trindade. 'O servo de Deus é batizado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.' Ademais, terminamos todas as orações clamando ao Deus Triúno: a ti pertence toda a glória, honra e louvor, Pai, Filho e Espírito Santo, agora e sempre e pelos séculos dos séculos.'

Os discípulos e apóstolos de Cristo que receberam a revelação também confirmam a trindade de Deus. A partir das suas experiências pessoais eles entenderam muito bem que Deus é triúno. Por isso o apóstolo Pedro disse: ‘segundo a presciência de Deus pai, em santificação do Espírito, para obediência e a aspersão do sangue de Jesus Cristo’ (1Pe 1:2). O mesmo encontramos em muitos versículos do apóstolo Paulo. É muito característica a bênção apostólica que a Igreja colocou na Divina Liturgia: ‘A graça incriado do nosso Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos nós.’ (1Co 13:13).

É importante esta testificação dos Santos. A princípio devemos aceitar esta revelação logicamente e depois podemos chegar também a uma confirmação pessoal. devemos aceitar o testemunho de bilhões de santos que afirmam a trindade de Deus. Alguns homens foram ao espaço e à lua e todos nós aceitamos seu testemunho. Poucos historiadores conservaram algum acontecimento histórico e nós o consideramos como certo. O mesmo e ainda mais devemos fazer também com a revelação do Deus triúno que os Santos nos deram, e que confirmaram esse testemunho sobretudo com seu sangue e sacrifício.

Devemos fazer o mesmo que na ciência. Todos nós aceitamos as descobertas de um cientista apesar de não as compreendermos racionalmente, e os sentidos nos dão uma imagem distinta dela. Quando aceitamos os resultados dos cientistas, podemos em seguida chegar à confirmação pessoal por meio de experimentos. O mesmo acontece na vida espiritual. No princípio aceitamos o testemunho dos Santos e em seguida lutamos para seguir a maneira de viver que eles seguiram e assim chegarmos ao ponto de confirmar a verdade a respeito do Deus triúno.

Alguém não pode assegurar essa verdade com exemplos porque Deus é incriado, enquanto o mundo é criado. Entretanto, os Santos Padres utilizam alguns exemplos, tal como os raios do sol. Também os três sóis têm o mesmo esplendor, embora se trate de sóis distintos. Assim as Pessoas da Trindade têm

qualidades pessoais, mas eles têm o mesmo esplendor e as três Pessoas são também Deus. A melhor confirmação e demonstração da existência do Deus triúno é tratar-se da alma, curar-se e purificar-se das paixões. Então a graça incriada de Deus vem ao coração curado e limpo, e o homem alcança o conhecimento do Deus triúno. Assim o homem se converte na residência do Deus triúno e Deus se faz inquilino do homem. Quando isso acontece, o homem recebe o qualitativo de *casa* ou *templo* de Deus.

É muito importante para a vida espiritual saber que Deus é triúno, Pai, Filho e Espírito Santo, três Pessoas incriadas, mas com uma essência e energia incriadas. Aqui está a diferença entre o Cristianismo Ortodoxo e as demais religiões.

Antes de tudo, Deus é uma Pessoa, Hipóstases. Isto significa que Ele não é uma força abstrata que governa o mundo, porque um poder ilógico é destruidor. Deus tem amor - uma energia incriada. E os poderes superiores não podem ter amor a respeito dos homens. A revelação de que Deus é Pessoa e que também o homem é pessoa indica que as relações do homem com Deus são pessoais; isto significa que o homem não se perde como uma gota dentro do oceano de Deus. O Budismo possui essa visão sobre Deus e sobre o homem. Eles dizem que o Atman individual deve-se identificar absolutamente com o Brahman universal e isso seria a salvação. Porém, uma identificação desse tipo não sugere o amor, porque como sabemos, o amor requer comunicação, relação íntegra e manutenção da liberdade. Uma cura e salvação sem amor é ódio, e um amor sem a manutenção da liberdade é uma catástrofe.

Ademais, Deus é Triúno, Pai, Filho e Espírito Santo. Isso quer dizer que Deus é amor. Se não existe outra pessoa, então não pode haver amor. Se alguém pensar em Deus sem o Filho, pensaria num Deus sem amor, porque o amor exige um objeto. Quando usamos o verbo *amar*, em seguida vem uma pergunta: 'a quem amas?'. Se a outra pessoa não existe, então não pode existir amor. O Metropolita de Lepanto observa que: 'Conceituar e compreender a Deus sem o Filho é o mesmo que concebê-lo sem amor. Porque o amor exige

um objeto. Quando um homem diz: ‘amo’, automaticamente perguntamos: ‘a quem amas?’ A quem pois amaria Deus Pai na eternidade, antes da criação do mundo, se não tivesse Seu Filho como objeto de Seu amor? Isso significaria que não saberia amar, nem que era Amor em Sua essência antes de criar o mundo, como objeto de Seu amor. Significaria também que Deus adquiriu com a criação algo que não tinha antes, logo Ele mudou. Mas isso não é lógico nem tem sentido algum e é ainda contrário à Divina Escritura na qual desde os céus foi testificado que em Deus ‘não há mudança nem sombra de variação’.

Então se não aceitarmos que Deus é Triúno, consideraremos que Deus não tem amor, mas bem seria somente um Deus justo. Mas isso deturpa nossas relações com Ele. Não só altera a verdade revelada, mas também altera a cura e a salvação do homem e até sua própria existência.

Isso observamos no Islamismo: ali não se fala sobre o Filho de Deus, mas somente sobre Alá; por isso nas relações do homem com Alá não há amor, mas somente a justiça e a misericórdia. O bispo Nicolau de Ajrida observa em relação a isso: ‘Apesar de ser uma grande religião dentro das religiões, o Islã de maneira alguma pode aceitar a Deus como Divina Trindade. O Corão ridiculariza esse ensino. Na parede da mesquita de Omar em Jerusalém está escrita a seguinte frase: ‘Fiéis, sabeis que Alá não tem filho.’ Como nesta religião Deus não tem filho, exatamente por isso em nenhuma parte o Corão fala sobre o amor de Deus, mas somente da justiça divina e da misericórdia. Isso, claramente, corrompe toda a vida do homem. Porque o amor de alguém só a si mesmo não é amor, mas sim egoísmo e egolatria. Por essa razão Maomé não menciona o amor em relação a Alá (seu Deus), mas somente sua justiça e misericórdia.

Os idólatras da antiguidade criam em muitos deuses, mas esses deuses estavam possuídos de paixões e debilidades humanas. Os deuses que se unem às guerras e ao ódio não podem curar e salvar ao homem, e por isso são ídolos, auto-enganos e alucinações.

Sublinhamos novamente ao Metropolita Nicolao de Ajrios: ‘No mundo idólatra existia a fé na Trindade, mas não na Santíssima e Única Trindade. Os Hindus criam e crêem até hoje no Trimurti, ou seja, nos sublimes deuses chamados Visnú, Brahma e Siva, dos quais o último é o Diabo que destrói tudo aquilo que os primeiros criam. Os egípcios também criam em três deidades com amor carnal como uma família: de Osíris e Ísis nasceu o filho Hórus, que matou Osíris e assim dissolveu esta boda bestial. Antes de Cristo, os homens conseguiram com sua mente e intenções criar grandes civilizações em todos os continentes, mas não podiam chegar à correta percepção de Deus como Santíssima Trindade e Unicidade (Mónada), e em consequência tampouco à correta percepção de Deus como amor.

Pelo que foi dito, vemos que a fé no Deus Trinitário é imprescindível, porque essa é a verdade tal qual Cristo nos revelou, e porque fora desta revelação não pode existir amor. Um deus que é uma força superior quem criou e governa o mundo e que ao mesmo tempo se considera somente como uno não pode ter amor. E naturalmente sem amor as relações interpessoais não podem se desenvolver, nem uma sociedade com verdadeira comunhão. Nesse caso, Deus será o castigador, cheio de paixões, e de sua parte o homem perderá seu caráter pessoal. Não podemos falar de amor verdadeiro fora da revelação da Trindade de Deus.

Dentro da Santa Escritura, além do ícone do Pai existem também outros ícones que qualificam a Deus; eles determinam principalmente as relações de Cristo com os homens. Duas dessas ilustrações são as de ‘irmão’ e ‘amigo’. Essas imagens se referem particularmente a Cristo, o qual por seu amor se fez homem, viveu entre nós, nos curou e nos salvou do pecado, do diabo e da morte. Quando avisaram Cristo que seus irmãos carnis e sua Mãe estavam buscando-o, Ele indicou seus discípulos e disse: ‘Eis aqui minha mãe e meus irmãos; porque, qualquer que fizer a vontade de meu Pai celestial, este é meu irmão, e irmã e mãe’ (Mateus 12:46 - 50). Logo após sua ressurreição ele disse às mulheres que lhe levaram mirra: ‘Não temais; ide dizer a meus irmãos que

vão à Galiléia, e lá me verão' (Mateus 28:10). O mesmo Cristo utilizou a imagem de amigo para indicar a relação pessoal com aqueles que cumprem sua vontade: 'Vós sereis meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando. Já vos não chamarei servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho feito conhecer' (João 15:14 - 15). O divino Crisóstomo apresenta a Cristo dizendo aos homens: 'Eu Sou o pai, o irmão, o noivo, o sustento, a vestimenta, tudo o que quiseres Eu Sou.' Eu também trabalharei; vim para servir e não para ser servido. Eu Sou também o amigo, o membro e a cabeça. Eu Sou para ti o pobre e o desregrado. Tudo que que é meu é teu, irmão, herdeiro, co-herdeiro, amigo e membro. Que mais queres? Esse verso indica o amor de Deus que foi expresso por Cristo ao gênero humano.

Então, Deus é amor e ama excessivamente ao homem, justamente porque é Pessoa e Trindade. O ensino sobre o Deus Triúno é o A (alfa) e o Ω (ômega) da nossa fé. Ademais, como o A é a primeira letra do verbo ΑΓΑΠΩ (*agapó*, amar), e o Ω a último, por isso dizemos que o Deus Triúno é amor e ama excessivamente ao homem, sacrificando-se até a cruz.

O homem condenou Deus à morte e Deus com seu imenso amor condenou o homem à imortalidade! (São Justino Popovitch).

3ª Catequese: o homem e sua queda

Índice

1. O Logos por natureza é Filho de Deus, e os homens são filhos de Deus pela Graça incriada
2. A criação do mundo
3. O homem como imagem e semelhança de Deus
4. O Paraíso inicial
5. A queda do homem
6. As consequências da queda

Depois da análise teológica do filho pródigo, ou seja, depois das coisas que dissemos que se referem a Deus, é necessário também avançar na análise antropológica desta parábola. Ela nos indicará o valor do homem e qual é a verdadeira vida.

O pai da parábola possuía dois filhos, o que supõe nascimento e parentesco entre si. Ao mais, os dois filhos permaneciam em casa e desfrutavam dos bens de seu pai.

Deus se chama Pai em relação ao Seu Filho unigênito, mas também Pai em relação ao homem. Todavia, há muita diferença entre esses dois. O Filho nasce do Pai antes de todos os séculos, enquanto que o homem foi criado dentro do tempo e é filho de Deus somente pela Graça; já a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade é filho por natureza.

Podemos usar um exemplo para tornar isso mais compreensível. Um pintor pinta um quadro que é sua criação espiritual, é o seu trabalho - seu 'filho' -, porque expressa seus pensamentos e seus dons. No entanto, o pintor

também gera filhos. Assim, por um lado o pintor constrói o quadro, e por outro o filho é gerado. O mesmo, com analogias adequadas, faz Deus Pai em relação ao Logos e homens.

Deus criou todas as coisas. No princípio criou os anjos, o chamado 'mundo espiritual'; em seguida, em cinco dias criou todo o mundo visível, ou seja, criação, pássaros, peixes, animais, plantas, etc.; em seguida, no sexto dia ele criou o homem, que é constituído de uma parte do mundo espiritual e uma parte do mundo visível; ou seja, de alma e corpo. Como dizem os Pais da Igreja, primeiro Deus criou os Reinos e os palácios para, em seguida, criar o Rei, o homem. O homem foi chamado desde a sua criação para ser o rei do mundo.

A Santa Escritura diz que o homem foi criado por Deus 'como imagem e semelhança' Sua. A 'imagem' se refere ao espiritual e à independência, ou seja, o homem tem espírito e liberdade; já 'semelhança' se refere a converter-se e fazer-se Deus por meio da energia incriada da Graça. Certamente a 'imagem' se refere à natureza triádica da alma. Tal como Deus é *Nous*, Verbo e Espírito, assim também o homem tem *nous*, que é o centro da personalidade, *verbo*, que é articulado, vocal e se forma com a lógica do intelecto, e o espírito que é o *eros* (amor) do homem, a força e energia que tem em seu interior para chegar à *theosis*, à glorificação.

Isto significa que o arquétipo de sua criação, o protótipo do homem, poderíamos dizer, é Deus e especialmente o Verbo de Deus, a segunda pessoa da Santíssima Trindade. O homem não criou a si mesmo, mas possui um protótipo. Tal como temos um filme e deste imprimimos muitas fotografias, o mesmo podemos dizer sobre o homem. Este filme é Cristo e o homem é como o ícone do Verbo, ou seja, a fotografia do Verbo. Por isso o homem deve se parecer com seu protótipo inicial, mantendo sua fotografia limpa, porque de outra maneira não corresponde à sua criação e então perde totalmente seu valor.

'Como imagem' indica sua ontologia, quer dizer, a realidade de sua natureza e 'como semelhança' indica para onde caminha e qual sua finalidade.

Isto significa que o homem sempre deve ter em conta sua origem, e que é príncipe e senhor, descende de família nobre a grande, e também deve lutar para manter esta grande missão. O propósito e finalidade do homem não se esgota nele mesmo. O homem não deve aspirar somente a comida, a bebida, a roupa e a diversão, mas também deve manter metas altas. Tampouco a meta do homem é estudar, trabalhar, se casar, etc. Isso ele fará para se servir nesta vida; finalmente seu objetivo mais profundo é fazer-se Deus por meio da Graça. São Gregório o teólogo definiu maravilhosamente a meta e finalidade do homem. Disse que “o homem tem vida e a aproveita servindo-se nesta vida, mas caminha em direção à outra. Mas a passagem da vida biológica até a espiritual se chama ‘Mistério’ e está claro que a finalidade do Mistério é deificar-se ou glorificar-se por meio da Graça, a energia incriada de Deus.”

Nesta parábola que estudamos vemos que os dois filhos permaneceram na casa de seu Pai. Isso, segundo a interpretação dos Pais da Igreja, significa que logo após sua criação, o homem permaneceu na casa de Deus, quer dizer, no Paraíso e tinha verdadeira comunhão com Deus. Este Paraíso era visível, sensível e espiritual, um estado e lugar particular e ao mesmo tempo uma relação pessoal com Deus. No Antigo Testamento, particularmente no livro do Gênesis, vemos que Adão tinha a Graça incriada de Deus logo após sua criação, por isso tanto ele quanto Eva viviam exatamente como os anjos no céu.

O filho caçula da parábola pediu a parte da herança que lhe pertencia: ‘dá-me a parte dos bens que me pertence. E ele repartiu por eles a fazenda. E, poucos dias depois, o filho mais novo, ajuntando tudo, partiu para uma terra longínqua, e ali desperdiçou os seus bens, vivendo dissolutamente. E, havendo ele gastado tudo, houve naquela terra uma grande fome, e começou a padecer necessidades. E foi, e chegou-se a um dos cidadãos daquela terra, o qual o mandou para os seus campos, a apascentar porcos. E desejava encher o seu estômago com as bolotas que os porcos comiam, e ninguém lhe dava nada (Lucas 15:12-16).’

Neste ponto, a parábola se adapta plenamente à queda e ao afastamento do homem de Deus. Veremos os pontos mais essenciais.

Segundo São Gregório Palamás, o filho mais jovem pediu a legítima fortuna de seu pai, significando que o pecado é posterior, mais novo que a virtude primogênita. O homem foi criado por Deus limpo, puro e são, com a faculdade de chegar à *theosis* ou glorificação. Mas o pecado é uma invenção posterior, resultado da má preferência e vontade do homem. Com sua liberdade, o homem escolheu a apostasia de Deus, afastar-se dele. Foi o pecado do homem que pediu a apropriação das obras de Deus e pretendia continuar sua vida conforme sua própria vontade e não segundo a vontade de Deus. Tal como se vê no Antigo Testamento, quis obedecer a si mesmo, à sua lógica e não à vontade de Deus. Como centro de tudo pôs-se a si mesmo, seus desejos e ilusões, e não a Deus. Essa é a essência do trágico pecado original e de todo tipo de pecado.

Lendo a parábola do filho pródigo observamos os graus da queda, e também a tragédia do filho caçula. Podemos descrevê-las da seguinte maneira: apropriação da fortuna, migração, dispersão da fortuna, privação e escravo. Dentro destas estruturas vemos a tragédia, a desgraça do pecado e de qualquer outro pecado que o homem comete.

Quando alguém se esforça para esgotar toda a sua vida nos limites biológicos e interpretá-la com sua razão ou lógica, então isso sugere um afastamento de Deus. O homem emigra em uma terra distante e perde a comunhão e união com Deus. Desde a sua criação, o homem tem alma e corpo inseparáveis entre si. A alma é a vida do corpo, mas a vida da alma é o Espírito Santo. Então, o homem sem o Espírito Santo está espiritualmente morto. É muito característico o que o pai disse que o pai na parábola, após o retorno do filho: "este meu filho estava morto e voltou a viver" (Lucas 15:24). Isto significa que a separação de Deus cria a mortificação. Realmente, sem Deus, o homem está espiritualmente morto. Pode mover-se, trabalhar, ter um lugar de destaque na sociedade, mas sem Deus tudo está morto e sua vida é insípida e

sem sentido. diz que homem com o pecado perdeu a Graça, energia divina incriada, o "como imagem" se obscureceu nele, despojado da divina Graça com o resultado de também se sentir nu no corpo. As consequências foram terríveis. Desde que ele perdeu a Graça divina, a morte veio: primeiro espiritual, isto é, o seu afastamento de Deus, e, em seguida, a corporal, ou seja, doenças, mortalidade; e finalmente a separação da alma e do corpo. A vida do homem sem Deus, que o criou, é uma verdadeira privação. Nada em sua vida tem sentido. Nada lhe agrada, uma vez que perdeu o seu arquétipo que é Deus. O homem perde o amor e é privado até mesmo da verdadeira liberdade. Isso significa que ele é subjogado e escravizado pelos cidadãos do país distante da casa de seu pai, e estes cidadãos do inferno são o diabo e suas tropas. Ele se entregou nas mãos do diabo e se torna um instrumento dele. Esta é a verdadeira privação e escravização do homem. Ele foi criado para ser príncipe e viver em palácios reais, mas ele preferiu permanecer nu, áspero e guardador de porcos, ou seja, está esgotado nas suas forças biológicas e na satisfação de instintos animais, seus sentidos físicos.

Dissemos antes que o homem sem o Espírito Santo está espiritualmente morto. São Macário do Egito usa dois ícones para tornar esta realidade compreensível. Uma delas é a carne sem sal. Neste estado a carne apodrece rapidamente e transmite um terrível odor. O outro ícone é a moeda onde não há a figura do rei. Tal moeda é falsa e não tem nenhum valor. O mesmo acontece com o homem que tem dentro de a energia incriada do Espírito Santo. Ele não é um homem natural e não tem vida verdadeira.

São Gregório de Nissa dos diz distintamente: "Porque, na verdade, quem não tem a verdadeira vida não vive. A vida dos pecadores não pode dizer que é vida, pois de vida só tem o nome." Isto significa que Deus é a vida dos homens. Além disso o próprio Cristo disse: "Eu Sou o caminho, a verdade e a vida" (João 14:6). Quem vive longe de Deus não tem a vida real. Por isso a vida dos pecadores se chama simplesmente vida, mas na verdade não é verdadeira. Isto é trágico. Ele está preso dentro do instinto natural, da mortalidade e da

corrupção. Não pode tocar o céu claro da liberdade. É torturado por todos os problemas trágicos da vida. Não encontra nenhuma escapatória. Está exilado numa ilha deserta e não há esperança de cura e salvação, se ele com sua livre vontade não regressar para Deus.

Homem longe de Deus é insaciável, perde seu valor e beleza. Sem pai, sem casa, sem amigos e sem amor. Todos o exploram. Por isso, em sua amargura e tragédia, busca a Deus. O desejo de batismo se encontra exatamente nesta perspectiva. Quer conseguir a vida que é Deus e ter um relacionamento pessoal com Ele, o seu arquétipo. Pedir o batismo não tem caráter social, não tem que ser motivado por buscas externas e humanas, mas devem se aderir dentro dessa perspectiva. Quem quer ser batizado para retornar da morte para a vida, da perdição ao encontro, da tragédia à paz, do país distante para a casa paterna, da privação à abundância, de ser órfão a ter um pai.

4ª Catequese: a Igreja e seu trabalho

Índice

1. A Igreja: o novo Paraíso
2. Fora da Igreja está a insaciabilidade
3. Retorno ao Novo Paraíso
4. Os três principais Mistérios
5. A Igreja é o verdadeiro Corpo de Cristo

Como a verdadeira vida do homem se encontra perto de Deus, então o homem deve voltar à sua casa. Falamos até agora que a casa é o Paraíso e a comunhão do homem com Deus. Depois da queda, esta comunhão se faz dentro da Igreja, que é o verdadeiro Paraíso. Então o homem caído deve voltar outra vez para sua casa, que é a Igreja. Agora veremos a dimensão eclesiológica e eucarística da parábola do Filho Pródigo, tal como São João Crisóstomo a analisa.

Esta análise é feita para os Cristãos e Catecúmenos, concretamente para aqueles que se preparam para serem batizados, os chamados *iluminados*. Por essa razão ela tem um intenso conteúdo eucarístico. No período do Triodion a Igreja prepara com mais intensidade os Catecúmenos para aceitarem o Batismo. São João Crisóstomo disse que devemos ver a filantropia de Deus, especialmente nesse período, para o benefício comum e para e para o benefício das futuras estrelas que nascerão da Santa pia batismal. Os batizados que saem da Santa pia se chamam estrelas porque são iluminados pela energia (incriada), a Graça do Espírito Santo. O Sol iluminado é Deus, e os batizados recebem a luz (incriada) do sol espiritual da justiça.

Onde não se cultiva o trigo da prudência (mente e espírito com conduta serena, sã e humilde), e o vinhedo da temperança (jejum, autocontenção e autodomínio), ali reina a forte fome e a grande inanição. Isto, está claro, significa que fora da casa espiritual que é a Igreja há fome e privação espiritual. Aquele que sente essa realidade decide voltar para sua casa, da qual havia saído. Seu pai caridoso e amoroso o espera, Ele que está preparado para dar-lhe seu amor e caridade. Esse assunto não trata de trocas comerciais, mas de derramamento de amor e caridade. E naturalmente este amor e comunhão se fazem com os Mistérios da Igreja. Os mandamentos que o Pai deu e o que aconteceu indicam essa realidade:

“O pai, porém, disse aos seus servos: Trazei depressa a melhor roupa, vesti-o, ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés; trazei também e matai o novilho cevado. Comamos e regozijemo-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado. E começaram a regozijar-se” (Lucas 15: 22 – 24)

A roupa que o pai mandou para vestirem-no é o uniforme espiritual que é feito pelo fogo do Espírito Santo. Esse uniforme é tecido nas águas da pia batismal e indica que o homem que está longe de Deus está nu e perde sua beleza. A Graça, a energia incriada de Deus, veste-o e embelece-o. O Pai, segundo o divino Crisóstomo, parece dizer caracteristicamente: “limpem e adornem o meu filho, não posso vê-lo descuidado, não aguento ver minha própria imagem nua, descuidada e abandonada.”

Com o Santo batismo somos vestidos pela Graça de Deus, e por isso cantamos: “os que foram batizados foram revestidos de Cristo.” Ademais, com o Santo Batismo se limpa o ‘como imagem’ que foi enegrecido e obscurecido.

O anel que se põe na mão indica a novidade espiritual e que está protegido pelo Espírito Santo. Pondo-se o anel, todos os inimigos de Deus o temem. Ele demonstra sua comunhão com Deus e manifesta claramente que é filho de Deus pela Graça.

Os sapatos que se põe nos pés são a força de Deus, de modo que o mal, astuto e maligno, não encontre sua perna desnuda e volte a golpeá-la, mas que este mesmo batizado possa pisotear o dragão e destruí-lo.

O novilho cevado é o mesmo Cristo que se sacrificou para o gênero humano, é “o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (João 1:29). Isto simboliza a Divina Eucaristia, onde o homem se regozija e se deleita espiritualmente e adquire nova vida. Fora da Igreja e da Divina Eucaristia se encontra o mundo da queda e da corrosão.

Segundo São Nicolau Cabasilas, três são os mistérios básicos que compõem a vida espiritual. Um é o Batismo, o outro o Crisma, e o outro a Divina Eucaristia. Com o batismo o homem nasce espiritualmente, dado que a pia batismal é o seio espiritual da Igreja. Tal como no seio de nossa mãe adquirimos a vida biológica, também no seio da Igreja, a Santa pia, adquirimos a vida espiritual. O Crisma é o movimento que ativa e energiza a Graças que recebemos mediante o Santo Batismo. Não é necessário somente nascer, mas também viver após o nascimento. Isto se faz com o Santo Crisma. A Divina Eucaristia também é vida porque comungamos do Corpo e do Sangue de Cristo.

Nos batizamos e nos crismamos para poder, desta maneira, como membros da Igreja, comungar dos imaculados Mistérios e viver. Porque o santo Batismo deve estar junto com a divina Eucaristia e a Divina Comunhão. A divina Eucaristia é o centro de todos os Mistérios e de toda a vida eclesiástica. É o que indica ser a Igreja o Corpo de Cristo. Um filósofo materialista dizia que o homem é aquilo que come. Com isso queria derrubar a metafísica e todas as teorias e afirmar que a única realidade é a matéria. Podemos aceitar tal frase neste sentido: quando o homem come só comida material é materialista, carnal. Quando come comida espiritual, que é o corpo do Filho do Homem, é espiritual, ou seja, maduro e inteiro.

O divino Crisóstomo, analisando toda essa dimensão eucarística da parábola do filho pródigo, ao final se dirige com sugestões tanto aos batizados

quanto aos iluminados que estavam às portas do Batismo. Ele os exorta a rechaçar todos qualquer tipo de *logismós* perverso e que dirijam suas almas ao noivo celeste para gozarem da Graça, a energia incriada do Espírito Santo. Disse caracteristicamente: “O redentor chegou à porta, o médico está perto dos que creem, a consulta foi aberta, os remédios estão em frente de nós, a pia batismal aceita a todos, a divina Graça se estende por todas as partes, a vestimenta espiritual está sendo tecida pelo Pai, o Filho e o Espírito Santo. Bem-aventurados os que foram feitos dignos de vestir essa veste.”

Aqui aproveitamos a ocasião para sublinhar que a Igreja não é um órgão ou instituição, não é um grupo social ou filantrópico, mas sim o Corpo *Teantrópico* divino-humano de Cristo. Os cristãos não são membros de uma associação, mas membros do Corpo de Cristo.

O Ocidente desenvolveu a teoria de que uma coisa é o Corpo místico de Cristo, do qual são membros os batizados, e outra coisa é o Corpo real de Cristo que è o Pão Eucarístico que se encontra em cima da Santa Mesa. Mas na Igreja Ortodoxa não existe esse tipo de distinção. Ressaltamos que a Igreja é o Corpo de Cristo, que é por sua vez o corpo que Ele tomou da *Panagía* (Santíssima Virgem Maria), deificou e ressuscitou, o pão Eucarístico que está acima da Santa Mesa e os Santos que constituem os membros do corpo de Cristo. Assim, entendemos perfeitamente o grande valor de ser Cristão Ortodoxo, membro do Corpo de Cristo. Segundo a luz desta perspectiva, sentimos a grande beneficência do Santo Batismo e divina Eucaristia.

Com o Santo Batismo os nossos membros se convertem em membros do Corpo de Cristo. Isto significa que cada pecado pessoal tem sua importância e peso. O apóstolo Paulo diz que quando pecamos, pecamos em Cristo, de quem somos membros. Nós não pertencemos a nós mesmos, mas a Cristo, que nos santificou e nos uniu Consigo Mesmo. Tal como o pecado é pisotear e desprezar o Corpo de Cristo que se encontra no cálice divino e no *artofório* (o portador do pão), o mesmo pecado é pecar com os nossos membros que são membros do Corpo de Cristo.

Na Igreja devemos nos sentir como na casa da festa onde se sacrifica o novilho cevado e onde reina o deleite espiritual. A Igreja é a misericórdia espiritual de toda a humanidade, sínodo ou assembleia do céu e da terra.

5ª Catequese: Comunhão dos Santos

Índice

1. Os servos ou escravos de Deus
2. Os Apóstolos de Cristo
3. Os Clérigos
4. A Igreja Triunfante

Depois do regresso do filho pródigo e o abraço de seu pai, o caritativo pai deu ordens para vesti-lo e prepará-lo para festejar e alegrar-se pelo seu regresso. A parábola disse que o pai ordenou a seus servos (Luc 15:26). Quem são os servos que cumprem e obedecem a vontade do Pai? Segundo os Pais da Igreja, já que a casa é a Igreja, os servos são os Clérigos. Eles recebem o mandamento de Deus para vestir o filho pródigo que voltou.

Cristo chamou os doze Apóstolos, os Santificou, os formou, deu a eles o Espírito Santo e os mandou por todo o mundo para batizar, catequizar e instruir aos homens. Sobre tudo disse a Seus discípulos: “Quem vos ouve, a mim ouve; e quem vos rejeita, a mim rejeita; e quem me rejeita, rejeita aquele que me enviou” (Lc 10:16). Assim, os Apóstolos não são os representantes de Cristo, mas o Mistério sensível da presença de Cristo entre nós; são Seus instrumentos sensíveis para a celebração de Seus Mistérios. Isso significa que os Clérigos não se parecem com os embaixadores de um Estado ou outro, tampouco com os representantes de um Soberano, mas mediante os Apóstolos o Mesmo Cristo transmite suas energias e opera. Quando os Apóstolos perdoam, o Mesmo Deus também perdoa e ratifica.

Aos Clérigos pertencem os bispos, os presbíteros e os diáconos. Os bispos são a cabeça visível de uma Igreja concreta como tipo e lugar da Cabeça

da Igreja, ou seja, de Cristo. Na pessoa dos bispos recebemos a Cristo. Existe a sucessão apostólica. Quer dizer, tal qual de uma vela acendemos uma segunda, terceira, etc, e transportamos a luz por todas as partes, o mesmo ocorre também com a sucessão apostólica. Com a ordenação e a vivência da *Paradosis* Ortodoxa (Santa Tradição) se transmite de geração a geração a Graça incriada e a bênção que os Apóstolos receberam de Cristo. A interrupção da tradição apostólica cria a heresia. Por isso há um grande significado quem o bispo comemora durante o tempo da Liturgia. Se este bispo está em comunhão com as demais Igrejas Ortodoxas então é canônico e ortodoxo; se não está em comunhão temos que nos afastar.

Os bispos ordenam presbíteros e diáconos para a cura e salvação do homem. São os líderes do povo de Deus que servem ao povo para fazê-los chegar ao Paraíso, à terra prometida. Tal como Moisés com a bênção de Deus conduzia o povo até a terra prometida, o mesmo fazem também os Clérigos: conduzem o povo de Deus ao Paraíso.

Por isso é preciso respeitar os Clérigos. Não podemos dizer que “amo a Igreja mas não quero ter relação com os Clérigos.” Isso constitui uma esquizofrenia espiritual. Os Clérigos nos batizam, nos crismam, nos alimentam com o Mistério da Divina Comunhão, nos confessam, nos casam e geralmente fazem todos os mistérios. Está claro que devemos dizer que os Clérigo fazem esse trabalho com a Graça incriada e a bênção de Deus e não com suas próprias forças. Durante a oração do Hino dos Querubins, o bispo ou o sacerdote ora a Cristo: “**Tu és...**”. Os Clérigos oram ao Pai para que santifique os santos dons, o Pai manda o Espírito Santo e transforma o pão e o vinho no Corpo e Sangue de Cristo, e mediante o sacerdote eles são oferecidos ao povo.

Mas a Igreja é uma comunhão de Santos, sínodo (assembleia) de anjos e homens, celestes e terrenos. Assim a Igreja se distingue entre a chama Igreja militante e triunfante. À militante pertencem todos os batizados e os que confirmam a fé, ou seja, aqueles que foram batizados e mantêm acesa a Graça, a luz incriada do Santo Batismo, e à Igreja triunfante pertencem os Santos.

Os Santos não são simplesmente as boas pessoas, mas aqueles que participam da deificante e santificadora energia incriada de Deus. Deus criou o mundo com sua incriada energia criadora, e com a energia incriada vivificadora e governante Ele vivifica e governa o mundo, e com sua energia incriada deificante ou santificadora Ele santifica ou glorifica o mundo. A energia incriada vivificante e governante não cura o homem nem o salva, isto é, não é porque foi criado que o homem se salvará. Se salvam aqueles que participam de energia incriada deificante de Deus. Ademais, para participar dessa energia, primeiro é preciso se ‘psicoterapiar’, limpar, purificar e curar o coração das paixões, ou seja, é necessária uma intensa preparação.

A Theotokos, aquela que ofereceu seu corpo a Cristo, tem um lugar especial na Igreja. Ela se chama Theotokos porque pelo Espírito Santo dá a luz em seu corpo e carne a Deus, a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade. Isso significa que ela não deu a luz a um bom homem que mais tarde se tornou um grande Profeta, o qual tomou a Graça de Deus e converteu-se no Filho de Deus. O Logos de Deus era Deus antes da concepção e depois do nascimento pela Panagía, Toda Pura. A Panagía se caracteriza como sempre-virgem. Era virgem antes do nascimento e permaneceu virgem durante e depois do nascimento. Um é o mediador entre Deus e os homens e este é Cristo. A Panagía é mediadora entre nós e Cristo. Amamos a Panagía por duas razões: primeiro porque amamos a Cristo e segundo para chegar ao amor de Cristo. Assim nosso amor pela Panagía é fruto ou caminho para o amor de Cristo.

E à Igreja triunfante pertencem também os Santos. Eles são os profetas e justos do Antigo Testamento, os Apóstolos e Santos durante os séculos. Aos últimos pertencem os mártires que deram testemunho e sofreram o martírio por Cristo, os monges que se exercitaram nos Monastérios ou no deserto para Cristo, e os casados que cumpriram a vontade de Deus dentro de sua família. Existem Santos de todas as camadas sociais do povo, de todas as idades, de todos os Estados e de todas as épocas. Isso indica que não podemos nos

escusar dizendo que hoje é impossível a cura, salvação e santificação. O objetivo e finalidade mais profunda do homem é tornar-se santo.

Neste ponto podemos nos referir à biografia, à vida e ao governo de alguns Santos, de acordo com as relações que tenham com o país de onde vem o Catecúmeno, com a idade que tem e com o trabalho que está exercendo. Temos que fazer uma referência especial também ao Santo que ele ama especialmente e daquele cujo nome quer levar no Batismo. Isso é de muita importância, porque indicará que é possível a cura e salvação em qualquer época.

6ª Catequese: A vida ascética ou praticante

Índice

1. O nous insaciável
2. Consequências do afastamento do *nous* do coração
3. A essência do pecado
4. A verdadeira metanoia.

A Parábola do filho pródigo (insaciável ou esbanjador), além de teológica, antropológica e eclesial, tem também seu lado ascético ou prático.

Analisando a parábola do filho pródigo, São Gregório Palamas disse que o insaciável é o *nous* do homem que se afasta de Deus e, para expressá-lo melhor, disse que a fortuna do homem, que recebeu do pai e desperdiçou insaciavelmente, é o *nous*. “Sobre toda nossa essência e fortuna inata está o nosso *nous* inato.” A alma do homem tem *nous*, *logos* e espírito como seu protótipo, o Deus Triúno. O *nous* em seu estado natural está iluminado e conduz o *logos*. Assim, o homem insaciável é aquele quem gasta seu *nous* em outras coisas e não tem memória de Deus.

Quando o homem segue os métodos ortodoxos de cura e salvação, então o *nous* permanece em si mesmo e no primeiro *nous*, que é Deus. Mas quando abrimos as portas às paixões, então o *nous*, que é aquela força e energia da alma que podemos qualificar de ‘atenção fina’, se espalha nas coisas corporais, carnis e terrenas, em seus prazeres, hedonismos corporais e materiais e nos *logismoi* malignos das paixões (pensamentos simples ou compostos, reflexões ou meditações). A virtude e a temperança que discerne o bem do mal é a riqueza de Deus. Enquanto o *nous* cumpre o *logos* ou mandamentos de Deus e permanece nEle, assim também a virtude e a sanidade funcionam

naturalmente, separando o bem do mal e preferindo o primeiro ao invés do segundo. Mas quando o *nous* fica desenfreado, então se dispersa, se esvazia e se prostitui, chegando à insensatez e à loucura.

O *nous* é, pois, a principal força e energia da alma que finalmente dirige e orienta todo o homem. O *nous* detém e mantém o desejo voltado para Deus. Mas quando o *nous* definha, então a força da alma que se dirige para o amor de Deus cai e se espalha em outras coisas. Disso se desenvolvem as paixões do hedonismo, da ganância e da vaidade. No seu estado natural o *nous* dirige sua raiva contra o diabo. Mas quando o *nous* já está se espalhado e definhou, então a raiva é direcionada para outras pessoas e luta contra elas. Portanto, o homem torna-se insaciável e seu *nous* torna-se demoníaco e bestial.

Isto significa que o *nous* do homem é o primeiro afetado em relação ao pecado. Através dos *logismoi*, as coisas sensíveis e as fantasias se introduzem no homem com o único objectivo de agarrar seu *nous*, esta finíssima atenção que é o centro da personalidade humana. Por exemplo: vem o *logismos* que para tornar-se rico é preciso roubar e prejudicar os outros. A beleza da riqueza e tudo o que está relacionado a ela vem em forma de imagens dentro da alma com o fim de apoderar-se do *nous*. Se ele é cativado, então se converte em desejo ou ilusão, depois em atos, e finalmente a ação repetida se converte em paixão. Assim o homem fica totalmente cativo do diabo, exatamente como o filho insaciável foi aprisionado pelos cidadãos daquela cidade.

Assim, a liberdade do homem é verdadeiramente interior. Alguém pode estar livre exteriormente e habitar em pátrias livres, mas quando não tem liberdade interior, vive a tragédia de sua vida. Ao contrário, com a liberdade existencial, alguém pode permanecer prisioneiro das maiores tiranias e sentir-se livre. Os mártires, nos períodos das perseguições, tinham liberdade interior, enquanto muitos cristãos contemporâneos que têm liberdades exteriores não cumprem a vontade de Deus e são escravos.

Na parábola do filho pródigo se diz:

"Foi pôr-se ao serviço de um dos habitantes daquela região, que o mandou para os seus campos guardar os porcos. Desejava ele fartar-se das vagens que os porcos comiam, mas ninguém lhas dava" (Lc 15:15-16)

Os cidadãos e governantes daquela cidade distante na qual o filho se encontrava são os demônios. Na Igreja Ortodoxa dizemos que os demônios são espíritos malignos, astutos, que odeiam exageradamente aos homens e fazem o que for para afastar o homem de Deus. Os demônios foram no princípio anjos que veneravam a Deus, mas por seu orgulho caíram e se converteram em demônios. Eles por si só conceberam o mal e querem conduzir o homem à apostasia. A maior das paixões é a soberba, o orgulho, e este foi o primeiro pecado dos demônios e do homem.

Cada paixão nos faz viver como porcos, graças à sua grande sujeira; e os porcos são os homens que se atolam nas paixões. Uma paixão é todo movimento e funcionamento antinatural das forças da alma. As três paixões básicas são a vaidade, a avareza e a luxúria. O centro dessas três paixões é a egolatria, que é o amor excessivo a si mesmo e ao corpo, ou seja, quando alguém só ama e satisfaz a seu corpo independentemente da alma. Dessas paixões são geradas e provêm as demais paixões que torturam o homem. Na Igreja Ortodoxa dizemos que as paixões são as energias e as forças psíquicas que tomaram o caminho errado, ou forças anormais da alma ou funcionamento descontrolado das energias da alma. Ou seja, existe amor dentro do homem (quem é energia e força) para que se dirija até Deus e para desejá-Lo. Mas quando este amor em vez de voltar-se para Deus se dirige apaixonada e malignamente até as coisas criadas, então falamos de paixões na alma.

O homem insaciável não pode fartar-se e estar pleno da lavagem da qual comem os porcos, quer dizer, não é possível satisfazer plenamente seu desejo. Sempre cai com fome. Quanto mais aumenta sua fortuna, mais aumenta sua falta e também o desejo de conseguir mais. Então o homem deseja, se assim for

possível, adquirir todo o mundo. Mas como o mundo é um e os avarentos são muitos, eles nunca podem saciar-se e fartar-se.

Como consequência, quando o *nous* está preso ou cativado por um *logismos* ou uma fantasia, arrasta também as partes adjacentes da alma para longe de Deus e assim o homem inteiro está cativo e adocece com terríveis consequências, tanto para si mesmo quanto para a sociedade. E naturalmente, tal como dissemos antes, isso começa pelo *nous* que está cativo.

Assim entendemos bem o que é o pecado. Nós temos vinculado, conectado o pecado com alguns acontecimentos e atos exteriores. Sem dúvida esses atos que também são pecado (roubo, mentiras, raiva, etc) são resultado e fruto do obscurecimento e cativo do *nous*. continuando com o movimento anormal das forças da alma e o afastamento do homem de Deus, de sua casa real. Neste estado, qualquer coisa que o homem faz é pecaminosa. São Gregório Palamás chega ao ponto de dizer que quando o homem não tem a Graça, a energia incriada de Deus no seu interior, então faça o que faça, é pecaminoso. Ademais, o Cristo em outra parábola se referiu às cinco virgens néscias que mesmo exercitando a castidade e o autodomínio, não tinham azeite em suas velas; ou seja, como não tinham em seus interiores a Graça, energia incriada de Deus – coisa que se vê na existência da oração do coração – não entraram na Realeza incriada de Deus.

Por isso a ascese também consiste em como manter o *nous* limpo, em como a partir da obscuridade iluminá-lo e como ter a memória incessante de Deus. A ascese ortodoxa não se esgota com algumas obras exteriores, mas com a catarse do coração e a iluminação do *nous*. Porque quando o *nous* do homem está orientado corretamente, então todo o organismo do homem funciona corretamente.

Se o pecado é o obscurecimento e dormência do *nous* e seu afastamento de Deus, a metanoia (introspecção, arrependimento e confissão) é a

iluminação do *nous* e seu regresso a Deus. Na parábola do insaciável filho pródigo se vê claramente o que é a metanoia. É dito caracteristicamente:

"Entrou então em si e refletiu: Quantos empregados há na casa de meu pai que têm pão em abundância... e eu, aqui, estou a morrer de fome! Levantar-me-ei e irei a meu pai, e dir-lhe-ei: Meu pai, pequei contra o céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho. Trata-me como a um dos teus empregados. Levantou-se, pois, e foi ter com seu pai" (Lc 15:17-20)

Nesse texto podemos ver algumas qualidades da metanoia.

Primeiro, que voltou-se a si mesmo. Isto manifesta que o *nous* sai da sua dispersão e voltou ao coração. Quando se encontrava morrendo de fome, o *nous* estava disperso mundo afora, através dos sentidos. Chega um momento quando vem ao homem um despertar espiritual e ele compreende seu terrível e desastroso estado.

Segundo, se desenvolve intensamente a virtude do juízo-próprio e da autocondenação. Condena-se a si mesmo, considerando-se indigno de ser filho de Deus. Não culpa a nenhum outro, nem considera culpados os demais por afastar-se da casa de seu Pai. Considera que é indigno de ser filho de seu pai. Até considera uma grande coisa ser empregado de seu pai.

Terceiro, esse despertar e reconhecimento, ou seja, autocrítica e autocondenação, não é um trabalho ou obra humana, mas obra da Graça, energia incriada de Deus. Mediante a divina Graça compara a situação terrível que se encontra em relação à casa de seu pai. Realmente Deus mediante Sua filantropia revela alguns raios de sua Glória, luz incriada, de forma que o homem perceba seu estado desastroso. Ninguém pode compreender seu estado se não foi sido inspirado pela Graça de Deus. A metanoia é uma inspiração divina.

Quarto, não se conforma e se contenta com seus bons desejos, mas energiza e ativa também a parte emocional de sua alma. Ninguém pode regressar a Deus sem a cooperação da parte emocional. Por isso se diz que o

insaciável filho pródigo em seguida, depois dos pensamentos que teve, “levantou-se e foi ter com seu pai”.

Quinto, o resultado final do regresso é a entrada na casa e sua participação na festa que se faz ali, como também sua participação na ceia eucarística (de agradecimento), na Divina Liturgia, na comida e bebida do Corpo e Sangue de Cristo. Assim já compreendemos que o perdão do pecado é coparticipar e caminhar junto com a Igreja. Pelo obscurecimento e aprisionamento do *nous* nos afastamos da Igreja, e com a libertação e a iluminação do *nous* regressamos a Igreja.

O que temos dito nesta Catequese indica que o pecado é, além do obscurecimento do *nous*, o afastamento do homem e do seu *nous* de Deus. A metanoia é o regresso do *nous* e do homem a Deus. Isto tem um grande significado pois assim entendemos bem porque o Batismo se chama iluminação. O *nous* se ilumina, todas as forças da alma, o *nous*, o espírito e o logos são santificadas e se enchem da Graça, a energia incriada, e assim santifica o homem todo.

7ª Catequese: Membros vivos e membros mortos da Igreja

Índice

1. O filho mais velho;
2. Membros sãos e membros enfermos;
3. As qualidades do verdadeiro Cristão.

O pai da parábola que estudamos tinha dois filhos, o mais moço e o mais velho. O mais jovem andou longe de casa e um dia voltou arrependido; já o filho mais velho permaneceu em casa, cumpria suas obrigações típicas, mas finalmente se distanciou por que se escandalizou com o amor de seu pai ao filho que tinha retornado.

Quando o mais velho soube que seu irmão caçula havia voltado, “encolerizou-se e não queria entrar”. Mesmo com os pedidos do pai para convencê-lo a se alegrar também pelo retorno pelo retorno de seu irmão caçula, o filho mais velho contestou: “Há tantos anos que te sirvo, sem jamais transgredir ordem alguma tua, e nunca me deste um cabrito para festejar com os meus amigos. E agora, que voltou este teu filho, que gastou os teus bens com as meretrizes, logo lhe mandaste matar um novilho gordo! Explicou-lhe o pai: Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu. Convinha, porém, fazermos festa, pois este teu irmão estava morto, e reviveu; tinha se perdido, e foi achado” (Lucas 15:25-32).

A conduta do filho mais velho é muito característica para aqueles homens que permanecem de maneira banal dentro da Igreja. Analisando a situação mental do filho mais velho observamos que ele tem a consciência que cumpre as leis de seu pai. Na verdade, ele é um cumpridor jurídico. E

naturalmente não cumpria a lei exatamente, já que o cumprimento da lei sem o amor não quer dizer que és filho verdadeiro de Deus. Ele também sente que tem direitos ao permanecer na casa de seu pai. Tem exigências que provêm do seu fiel cumprimento aos mandamentos de seu pai. Todavia, não tem amor, nem simpatia, tampouco compaixão. Se mostra indolente ao regresso de seu cansado irmão. Esta falta de amor se expressa com sua grande agressividade. Aquele não era mais seu irmão mais jovem, mais sim ‘este teu filho’, o insaciável, aquele que ‘gastou os teus bens com as meretrizes’. Vê-se então que enquanto o filho caçula mostrava metanoia e se alegrava pela festa em casa, o filho mais velho indicava sua enfermidade espiritual e permanecia fora de casa.

Dentro da Igreja existem membros sãos e enfermos.

Com o Mistério do Batismo e do Crisma nos fazemos membros da Igreja e do Corpo de Cristo. O Batismo é precedido pela ascese, que é um período de Catequese, e continua na vida ascética que é a aplicação e o cumprimento dos mandamentos de Cristo. O Batismo é na verdade o princípio da nova vida em Cristo, e não o fim. Cristo disse a seus discípulos: “Ide, pois, e ensinai a todas as nações; batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-as a observar tudo o que vos prescrevi. Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo” (Mateus 28:19-20). Os discípulos devem fazer duas coisas. Primeiro, batizar os homens e depois ensiná-los a aplicar e cumprir os mandamentos de Cristo. Então, não basta o Batismo, mas também é necessária a aplicação e cumprimento dos mandamentos de Cristo.

Para adquirir a salvação, é preciso estar batizado e seguro de sua fé, tal como disse São Simeão o Novo Teólogo. Isto significa que é preciso batizar-se, porque “o que crer e for batizado será salvo” (Marcos 16:16) e em seguida deve viver de acordo com a missão do Cristão Ortodoxo. Podemos ver isso também em qualquer organização humana: alguém não pode simplesmente se inscrever numa associação mas deve também cumprir as obrigações convenientes para essa organização.

Certamente a Graça, a energia incriada do Santo batismo não se perde nunca, mas permanece no fundo do coração do homem. Mas como ensinam os Santos Padres, o homem cobre a Graça incriada com os pecados que comete e pelas paixões. Assim, nesse estado, o homem é em potência membro da Igreja, e não em energia. Ou seja, tem a possibilidade de chegar à *theosis* (glorificação), mas ele mesmo, por seu livre arbítrio não a energiza, ativa. É parecido com uma máquina que pode produzir, mas não está conectada na energia elétrica; ou a uma televisão com o interruptor desligado, mas que mesmo assim está totalmente capacitada para produzir imagens.

Com esse sentido e significado se fala na Santa Escritura e nos textos dos Santos Padres dos membros enfermos e mortos da Igreja. A Igreja é vida, dado que é o Corpo de Cristo que é a luz e a vida de todos os homens. Aquele que não vive real e verdadeiramente na Igreja não tem vida e então está morto. É certo que tem vida biológica, mas não tem em seu interior a Graça incriada de Deus.

A seguir veremos como um membro da Igreja se parece com o filho mais velho da parábola do insaciável filho pródigo. Para ver isso melhor temos que examinar em que consiste ser membro vivo da Igreja, e isso manifestará em seguida a enfermidade dos demais membros.

Verdadeiro membro da Igreja e Cristão real é aquele que dispõe das seguintes qualidades:

Primeiro: permanece na Igreja sem sair dela mediante o ateísmo ou a heresia. Não se separa desse organismo vivo e não participa em falsas sinagogas ou reuniões escondidas e secretas com homens heréticos. Isso significa que aceita absolutamente a fé que confessou com o Símbolo da fé, participa nos Mistérios da Igreja curando-se e santificando-se através deles e em sua vida pessoal se esforça para cumprir os mandamentos de Deus. Sente que permanece na Igreja para curar-se e salvar-se e não para salvar a outrem, porque a Igreja não tem necessidade de salvadores.

Segundo: sente que é Filho de Deus, isto é, que tendo Pai não é um órfão. Seu grande Pai é Deus. Mas também Clérigos são Pais, uma vez que eles estão são o tipo, no tempo e no espaço da presença de Cristo. Portanto, o verdadeiro membro da Igreja obedece aos Bispos, Clérigos e tem pai espiritual que o conduz pela vida espiritual. Claro, também aceita o ensinamento dos Santos Padres da Igreja e tentar imitar suas vidas, ou seja, seu ascetismo, testemunhos e martírios.

Terceiro: sente que pertence a uma família, portanto, tem irmãos espirituais. Não está sozinho na Igreja. Isso significa principalmente que ama seus irmãos. Não julga sequer um erro que tenham cometido e não os condena. Tolera, é magnânimo e afasta sua indignação de suas possíveis fraquezas. Além disso, expressa seu amor de maneiras diferentes. Compartilha suas alegrias e tristezas. A alegria e a tristeza de outros também é a sua, seu amor é comunhão de amor e a fé, união de fé. Tudo deve sentir em comum. Deve sentir a Igreja como uma família, exatamente como fizeram os primeiros cristãos, como descrita nos Atos dos Apóstolos (2:41-47). Se tenta cumprir a lei de Deus e não tem amor não é um verdadeiro cristão, é um membro doente da Igreja.

Quarto: caso peque, segue a instrução terapêutico. O homem é mutável e variável. Isso significa que durante a sua vida ele muda e é ferido. É de se esperar que peque. A Santa Escritura diz: "Quem é limpo de sujeira? Ninguém, mesmo que sua vida for um dia na terra (Jó 14:4-5). São João Evangelista diz: "Se dissermos que não temos pecado nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós" (1 João 1:8).

Os pecados não são culpas e simples negações da lei, mas são principalmente enfermidades e feridas. O homem pecador está enfermo espiritualmente. Então o combate ao pecado deve ser feito dentro dos marcos medicinais e terapêuticos. O sacerdote é o médico que exerce sua função no nome do Grande Médico que é Cristo. Ele realiza a catarse, limpa e cicatriza as feridas, faz as intervenções cirúrgicas e cura os traumas. Dentro desses marcos

necessariamente devemos ver a metanoia, a confissão e os mandamentos do pai espiritual, chamados de *penitência*. Devemos fazer a metanoia, ou seja, sentir nosso erro e enfermidade, revelar todas as coisas escondidas e os pontos obscuros da enfermidade e em seguida, com valentia e ânimo, seguir os conselhos terapêuticos do médico espiritual. A Igreja tem o Mistério da metanoia (introspecção, arrependimento e confissão).

Na Igreja antiga, quando alguém pecava e caía enfermo seriamente, se alistava outra vez na ordem dos Catecúmenos. Por isso, na categoria dos pecadores purificados se incluía os Catecúmenos, os endemoniados e os arrependidos. Todos esses seguiam uma introspecção terapêutica adequada. É claro que os Cristãos pecadores e arrependidos que já se haviam batizado não se batizam de novo, mas deviam passar pelo estanho da metanoia e sentir outra vez dentro dos seus corações. a energia e obra da Graça, energia incriada de Deus.

Quando o Cristão batizado abandonava a Igreja e caía em heresias, então deveria passar por um trâmite para ser incluído outra vez na Igreja. Era necessária a metanoia e a chancela de um documento pelo qual acusava a heresia na qual havia caído, e então era crismado outra vez.

De tudo isso compreendemos que não basta somente o batismo, mas ainda é preciso viver segundo os mandamentos de Deus para ser membro da Igreja. Caso o Cristão caia enfermo, então há um método especial para que volte a encontrar a sua saúde.

B – O CREDO OU SÍMBOLO DE FÉ

8ª Catequese: A utilização dos Símbolos da Fé

Depois da análise da Parábola do insaciável filho pródigo, onde se vêm todas as verdades básicas de nossa fé, podemos seguir na análise do vigente “Símbolo da Fé”, o qual o iluminado confessa antes do batismo e ao se tornar membro da Igreja, o “Símbolo de Fé” passa a ser uma recitação perene.

A princípio devemos dizer algumas coisas sobre a utilização de Símbolos na Igreja antiga.

Desde o seu princípio, a Igreja considerou imprescindível a utilização de textos simbólicos, ou seja, pequenas frases confessionais. Isto era feito por duas razões. Uma para pôr limites entre a verdade e o engano, ou seja, expressar a fé ortodoxa com poucas palavras para poder enfrentar as heresias. A segunda razão é para que sejam utilizadas como confissões batismais, de modo que os Catecúmenos façam uma confissão de fé antes do Batismo. Ademais, a necessidade de um ensino resumido da Igreja impulsionou a criação dos símbolos.

A análise dos antigos símbolos indica que no princípio se referiam a confessar que o Cristo é Filho de Deus; em seguida, tomaram também a confissão da divindade do Pai e do Filho e foram chamados ‘símbolos duais’; depois foram feitos os chamados ‘símbolos tripartites’, que se referiam ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, assim como esclareceram outros aspectos confessionais.

A primeira e mais curta formulação dogmática, aquela que foi o princípio de todos os demais textos confessionais, é a exortação de Cristo a Seus discípulos: “Ide, pois, e ensinai a todas as nações; batizai-as em nome do

Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-as a observar tudo o que vos prescrevi (Mateus 28:19-20).

Vemos na Santa Escritura e na indicação da prática da Igreja apostólica que na Igreja antiga os Catecúmenos tinham que fazer sua confissão de fé antes do Batismo. Muitas vezes se fala do “depósito” e da “confissão”. É característico o versículo do Apóstolo Paulo na epístola aos Hebreus, que faz eco ao ensino do batismo. O divino Paulo escreve: “Pelo que, deixando os rudimentos da doutrina de Cristo, prossigamos até a perfeição, não lançando de novo o fundamento do arrependimento de obras mortas e de fé em Deus, e da doutrina dos batismos, e da imposição das mãos, e da ressurreição dos mortos, e do juízo eterno” (Hebreus 6:1-2). Nesse versículo vemos que a prática da Igreja antiga procede o ensino do Batismo e se confessa a fé antes da entrada na Igreja.

Muitos sustentam que no Novo Testamento existem frases inteiras que eram textos confessionais utilizados antes do Batismo. Citarei três versículos que foram utilizados como símbolos batismais.

O primeiro vem da epístola do Apóstolo Paulo a seu discípulo Timóteo: “Aquele que se manifestou em carne foi justificado em espírito, visto dos anjos, pregado aos gentios, crido no mundo e recebido acima, na glória” (1ª Timóteo 3:16), e isso é qualificado como o Mistério da piedade.

O segundo é tirado da epístola de São Paulo aos Coríntios: “Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras, e que foi visto por Cefas e depois pelos doze. Depois, foi visto, uma vez, por mais de quinhentos irmãos, dos quais vive ainda a maior parte, mas alguns já dormem também” (1ª Coríntios 15:3-6).

O terceiro vem da epístola do Apóstolo Paulo: “Procurai, pois, ter a mesma conduta e sentimento que teve Cristo Jesus, o qual tendo a natureza de Deus, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus, mas despojou-se a si

mesmo, tomando a natureza de servo e assemelhando-se aos homens. E, sendo exteriormente reconhecido como homem, humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz. Por isso Deus o exaltou soberanamente e lhe outorgou o nome de Senhor Jesus Cristo, que está acima de todos os nomes, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho no céu, na terra e debaixo da terra. E toda língua confesse, para a glória de Deus Pai, que Jesus Cristo é Senhor."

Nesses versículos se vê claramente a confissão de que Cristo é o verdadeiro Deus, o qual se fez homem para a cura e a salvação do homem. Vê-se que eram frases litúrgicas da Igreja e é possível que influenciaram na criação de textos confessionais semelhantes. É fato que no princípio os batizados davam confissão da fé, que o Cristo é o verdadeiro Deus e também confessaram a Trindade de Deus.

Por causa das heresias que imediatamente apareceram na primeira Igreja, foi necessário compor textos simbólicos para afrontar as novas más e horríveis doutrinas contrárias à ortodoxia. Muitos textos desse tipo se salvaram, como o de Santo Inácio, Santo Irineu, do mártir e filósofo Justino, etc.

Vemos geralmente na tradição da vida da Igreja antiga o uso de textos simbólicos para combater os hereges e para a confissão dos batizados.

O "Símbolo de Fé" que é utilizado hoje para a confissão dos Catecúmenos antes do Batismo e dos fiéis depois do Batismo é obra do primeiro e segundo Concílio Ecumênico. Os primeiros artigos foram compostos no Primeiro Concílio Ecumênico de Nicéia e sua formulação definitiva com o restante dos artigos foi composta no Segundo Concílio Ecumênico em Constantinopla.

O número dos heréticos, então, já havia aumentado: eles utilizavam a filosofia e a reflexão para alterar a verdade revelada da fé. Principalmente para lutar contra a heresia de Ario e contra outras heresias gnósticas que a

precederam surgiu a necessidade de compor o “Símbolo de Fé” que constitui a sinopse do ensino ortodoxo.

9ª Catequese: Tradução do Símbolo da Fé

Leremos muitas vezes o “Símbolo da Fé” que utilizamos hoje na Igreja e que foi instituído durante o Primeiro e o Segundo Concílio Ecumênico. Estes sínodos foram realizados em 325 em Nicéia da Bitínia e em 381 em Constantinopla. O Padre-catequista esperará que o Catecúmeno o aprende inteiro e de cor.

1. Creio em um só Deus,
Pai todo-poderoso,
Criador do céu e da terra,
de todas as coisas visíveis e invisíveis
2. Creio em um só Senhor, Jesus Cristo,
Filho Unigênito de Deus,
nascido do Pai
antes de todos os séculos:
Luz da Luz,
Deus verdadeiro de Deus verdadeiro,
gerado não criado,
consustancial ao Pai.
Por Ele todas as coisas foram feitas.
3. E, por nós, homens,
e para a nossa salvação,
desceu dos céus:
e encarnou pelo Espírito Santo,
no seio da Virgem Maria,
e se fez homem.
4. Também por nós foi crucificado
sob Pôncio Pilatos;
padeceu e foi sepultado.
5. Ressuscitou ao terceiro dia,
conforme as escrituras;

6. E subiu aos céus,
onde está sentado à direita do Pai.
7. E de novo há de vir, em sua glória,
para julgar os vivos e os mortos;
e o seu reino não terá fim.
8. Creio no Espírito † Santo,
Senhor que dá a vida,
e procede do Pai;
e com o Pai e o Filho
é adorado e glorificado:
Ele que falou pelos profetas.
9. Creio na Igreja
Una †, Santa, Católica e Apostólica.
10. Professo um só batismo
para remissão dos pecados.
11. Espero a ressurreição dos mortos;
12. E a vida do mundo que há de vir. Amém.

Os pontos centrais do “Símbolo da Fé” são cinco. O primeiro ponto faz referência ao Pai que criou todo o mundo mediante seu Filho. O segundo fala da divindade do Logos, a segunda Pessoa da Santíssima Trindade e também sobre como tornou-se homem para a cura e salvação do homem. Nisto estão contidos todos os acontecimentos da divina Economia, ou seja, o nascimento, a crucificação, a ressurreição, a ascensão e a segunda vinda para julgar aos homens. O terceiro é a confissão da divindade do Espírito Santo que é a terceira Pessoa da Santíssima Trindade. Assim, Deus é um e tem três Pessoas. Na Divina Liturgia cantamos: “Pai, Filho e Espírito Santo, Trindade consubstancial e indivisível.” O quarto ponto faz referência à Igreja e à vida

nos mistérios que se inicia com o Santo Batismo. O quinto fala sobre a ressurreição dos mortos e sobre a vida futura.

Dentro destes cinco pontos centrais do “Símbolo da Fé” se encontra toda a fé de nossa Igreja. Ademais, são totalmente básicos e imprescindíveis, porque sem a fé, nossa cura e salvação é incerta. Se não cremos no Deus Triúno e que Deus tomou a natureza humana para curar e salvar ao homem, si tampouco cremos na unidade da Igreja, nem na ressurreição dos mortos, então todas as fundações da nossa fé vão cambalear e nisso demonstramos que não somos verdadeiros Cristãos.

Nas Catequeses seguintes faremos uma análise do “Símbolo da Fé Ortodoxa”.

10ª Catequese: Deus criador e a criação

*“Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso, Criador do céu e da terra,
de todas as coisas visíveis e invisíveis”*

“Creio”. A palavra *creio* está escrita na primeira pessoa do singular porque quer mostrar a fé pessoal que devemos ter nas verdades reveladas que a Igreja guarda e protege. Mas os Pais dos primeiros dois Concílios que fundamentaram o Símbolo da Fé escreveram o plural *cremos* porque pressupõe a confissão de fé pelos membros da Igreja, dado que liam-no também durante a divina Liturgia e em outros ofícios assistidos por muitas pessoas e também porque eram batizados coletivamente.

A fé ortodoxa é revelação. Nós não descobrimos a verdade, mas ela foi revelada por Cristo aos profetas no Antigo Testamento e aos Apóstolos e Santos no Novo Testamento, dado que se encarnou e se fez homem. No princípio nós aceitamos esta experiência revelada e em seguida, se lutamos para limpar e curar nosso coração das paixões, podemos ratificar essa revelação. Cristo disse: “Bem-aventurados os limpos de coração, porque contemplarão a Deus” (Mateus 5:8). Aqui o mesmo ocorre na ciência humana. Os discípulos de uma universidade aprendem os descobrimentos dos cientistas anteriores. Mais tarde, porém, eles mesmos fazem experimentos e podem chegar à ratificação ou ao descobrimento de outras coisas. Em todo caso, cientistas são aqueles que recebem a ciência de outros e também aqueles que desenvolvem a ciência. Assim, temos duas classes de fé. A fé pelo ouvir, quando escutamos e aceitamos a experiência dos Santos e a fé por contemplação (*theoría*) quando chegamos nós também à revelação.

“Em um só Deus”. Deus é um. Na Igreja não cremos na existência de muitas deidades independentes entre si. Certamente falamos de Pai, Filho e Espírito Santo, mas não são três deuses distintos. Os três são a mesma

essência, um Deus, mas com três Pessoas particulares, substâncias. Isso a razão humana não pode compreender, mas é uma revelação de Deus. Aqueles que chegaram a experimentar a glorificação (*theosis*) e viram a Deus conheceram pessoalmente essa verdade. Podemos utilizar o seguinte exemplo, porém com muito cuidado porque sua equivalência não é plena. Todos os homens possuem natureza e essência comum, ou seja, corpo, mente, espírito, lógica, etc., mas as pessoas são distintas. O mesmo ocorre com Deus, todavia respeitando claramente as diferenças. As três Pessoas têm essência comum mas qualidades particulares.

11ª Catequese: A deidade do Logos.

*“E em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho unigênito de Deus,
gerado do Pai antes de todos os séculos.*

*Luz de luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro; gerado, não criado;
consustancial ao Pai, por quem as coisas foram feitas.”*

“E em um só Senhor, Jesus Cristo.” A palavra *Senhor* quer dizer soberano, governante, porque o Filho é também o Senhor do mundo, como o Pai. O Pai criou o mundo mediante o Filho e com a sinergia do Espírito Santo. Ademais, as Três Pessoas sustentam o mundo, dado que são a mesma força, energia e grandeza. O Filho não é inferior ao Pai, mas é Deus. Vemos no Credo que o Pai é chamado de Onipotente, e o Filho e o Espírito Santo de Senhor. Em Jesus Cristo, *Jesus* significa Salvador (Mateus 1:21) e se refere à natureza humana que foi deificada pela Natureza divina; e *Cristo* significa “aquele que foi crismado, ungido”, o Messias (o Deus ungido no homem, o que não é o mesmo que dizer “o homem ungido em Deus”). Assim, *Senhor* expressa a natureza divina e *Jesus* a natureza humana e *Cristo* a união da natureza humana e divina na Pessoa do Logos.

“Filho de Deus”. Cristo é o Filho de Deus que nasceu antes de todos os séculos pelo Pai. O mesmo Pai revelou essa verdade no rio Jordão e na Transfiguração no monte Tabor, onde se escutou Sua voz que dizia: “Este é o meu Filho amado; a ele ouvi” (Marcos 9:7).

“Unigênito”. Não existe outro filho de Pai por natureza. Ele é o único. Nós homens também podemos nos tornar filhos de Deus, mas pela energia incriada da Graça. Um exemplo: um pai gera um filho, mas também adota outro. Ambos permanecem em casa mas há uma grande diferença. O primeiro é filho natural e o segundo é adotado. Essa é uma imagem para indicar a diferença entre Cristo e os homens.

“Gerado do Pai antes de todos os séculos”. Nós não podemos pela nossa razão compreender qual é o nascimento do Filho, nem o que é a procedência do Espírito. Isto não foi revelado pelo mesmo Cristo mediante imagens humanas. O fato é que com a palavra *gerado* indica-se a divindade do Logos, Sua relação com o Pai e que ambos têm a mesma essência. *Geração* e *procedência* indicam a maneira particular de como existem as Pessoas da Santíssima Trindade: ainda que sejam a mesma essência, têm qualidades particulares. Isto é compreendido pelos Santos quando se fazem dignos merecedores de ver a Deus. Aqui vale o mesmo para o que dizíamos em outra catequese. Nós aceitamos a revelação de Cristo e dos Santos e em seguida podemos conhecer empiricamente as relações das Pessoas da Santíssima Trindade quando chegamos à revelação pessoal.

“Luz de luz”. Quando os Santos chegam à experiência da revelação, vêem que Deus é luz incriada. Na Igreja cantamos: “Luz o Pai, luz o Filho e luz o Espírito Santo”. Isto se viu claramente na Transfiguração de Cristo. A face de Cristo brilhou por Sua divindade, o Espírito Santo estava presente com a nuvem luminosa e o Pai foi ouvido com a voz que irradiava luz. Nos textos litúrgicos louva-se a Deus mais como luz incriada do que como amor.

Essa luz incriada é a Divindade. Não é uma luz criada, mas incriada, ou seja, não é como a luz do sol que é criada, mas a luz da Divindade que não é criada, mas incriada. Devemos dizer que nós podemos participar nas energias incriada de Deus, e não em Sua essência. Um exemplo da luz invisível é o seguinte: o sol está além da atmosfera terrestre, mas nós participamos da sua energia. O mesmo sucede analogicamente com Deus. Da essência de Deus participam as Pessoas da Santíssima Trindade, enquanto nós participamos de Suas energias incriadas, a a divina Graça.

“Deus verdadeiro de Deus verdadeiro”. Diz-se “Deus verdadeiro” para distingui-lo dos falsos deuses. Esta é a fé da Igreja. Muitos se apresentaram e se apresentam como deuses, mas não são verdadeiros dado que são criações da fantasia dos homens. Somente na Igreja cremos no

verdadeiro Deus, porque foi revelado a nós por Cristo. Por isso somente a Cristo confiamos nossa salvação.

“Gerado, não criado”. Já dissemos algumas coisas anteriormente sobre geração. Aqui se faz uma diferenciação com “criado”, porque naquela época havia a heresia de Ário, segundo o qual Cristo é criação, ou seja, que foi feito por Deus. Porém isso perturba o fundamento da fé. Uma coisa é a criação e outra coisa a geração. De um ferreiro nascem filhos, mas ele também cria [objetos de] ferro. Há enorme diferença entre as duas coisas. Assim, “gerado” indica a divindade do Filho.

“Consustancial ao Pai”. Isso foi dito também para lutar contra a heresia ariana. O Filho é da mesma essência do Pai. No exemplo do ferreiro que fizemos antes vê-se que de uma essência é o filho que nasce e de outra os objetos de ferro que constrói.

“Por quem tudo foi feito”. Em outra catequese dizemos que o mundo foi criado pelo Pai. Isso foi dito pelos Pais do primeiro Concílio Ecumênico, porque então os heréticos insistiam que o mundo foi feito por um Deus inferior que é o Logos. Desta maneira interpretavam o mal que existe no mundo. Mas os Pais ensinam que o mundo foi criado pelo Pai mediante o Filho com a sinergia do Espírito Santo. Nisto queriam manifestar que o Filho é Deus. O mal que existe no mundo é resultado da queda do homem; o mal é um parasita e não criação de um deus inferior. Tal como numa árvore pode brotar um parasita que não tem relação com a natureza da árvore, o mesmo podemos dizer também do mal que existe no mundo. Deus criou o mundo muito bom (“e viu Deus que era muito bom”), mas a desordem veio pela queda do homem.

12ª Catequese: A encarnação do Logos

“Quem por nós, homens, e para a nossa salvação desceu dos céus e se encarnou do Espírito Santo e da Virgem Maria e se fez homem.”

O homem é a criação mais perfeita de Deus. Mas pela queda fez-se escravo do diabo, do pecado e da morte. Deus não podia ver sua criação sofrer e torturar-se. Por isso, por amor mandou Seu Filho para fazer-se homem e salvar o homem. Este trabalho é obra da divina Economia, porque indica como Deus providenciou para curar e salvar o homem.

“Quem por nós homens”. Deus não carecia de humanizar-se para si Mesmo, mas fez isso única e exclusivamente para o homem. Isto indica o grande amor de Deus ao tomar a natureza humana e uní-la à natureza divina.

“E para nossa salvação”. A salvação de que aqui se fala não é a libertação da alma do corpo, como ensinavam os antigos filósofos e como dizem muitas religiões orientais contemporâneas, mas é a cura e libertação do homem do pecado, da morte e do diabo, e sua união com Deus.

“Desceu dos céus”. Esta frase não significa que o Logos deixou de ser Deus com sua encarnação, nem que abandonou os céus, o trono de Deus. Com a palavra “desceu”, compreendemos que o Filho e Logos de Deus tomou a natureza humana para salvar o homem.

“Se encarnou do Espírito Santo e da Virgem Maria”. A encarnação de Cristo é um mistério grandioso. A concepção de Cristo não aconteceu da maneira a qual sucede aos homens. A concepção de Cristo se fez pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria. Então não houve participação do homem. Isto podemos ver ao analisarmos o acontecimento da Anunciação da

Santíssima Mãe de Deus em Lucas 1:26-38. O Terceiro Concílio Ecumênico ocupou-se particularmente do tema. A Panagia [isto é, a Toda-Santa] era virgem antes, durante, e permaneceu virgem após o nascimento [de Cristo]. Isto vemos em cada ícone que manifesta a Panagia com três estrelas que se encontram em sua cabeça e em seus ombros. A Panagia era totalmente pura. No altar dos altares havia chegado à glorificação. A pureza da Panagia deve-se à Graça incriada de Deus, ao seu esforço e luta pessoal e às purificações de seus progenitores [São Joaquim e Santa Ana]. Todas as purificações do Antigo Testamento aspiravam à Panagia. Os seus pais a conceberam com oração, jejum e obediência a Deus, por isso a semente de São Joaquim se chama “semente sem mancha”.

“E se fez homem”. Esta declaração é muito importante e mostra que o Cristo é perfeito Deus e perfeito homem. Ou seja, Deus tomou na verdadeira natureza humana, a real. Devemos sublinhar algumas verdades sobre esse acontecimento.

Em princípio, a segunda pessoa da Santíssima Trindade tornou-se homem porque o homem é "como imagem" do Logos e através dele a criação foi feita; além disso, o Filho anuncia a vontade do Pai: como Logos e o Filho de Deus se tornaria o filho do homem de maneira que a qualidade do Logos permaneceria imutável.

Quando falamos de encarnação, devemos entender que tomou a natureza humana inteira e não apenas o corpo. Ou seja, tomou o corpo, a alma, o nous e todas as qualidades da natureza humana. Ele os levou e os glorificou, divinizado-as.

Como Cristo era Deus perfeito e homem perfeito, por isso também possui duas naturezas, duas energias, duas vontades unidas entre si, sem

alterar, separar, dividir ou confundir-se. Isso significa que não há confusão ou alteração entre as duas naturezas. A natureza divina mantém suas qualidades e a natureza humana também mantém as suas. No milagre da ressurreição de Lázaro, a natureza humana de Cristo chorou, mas não a Divina, enquanto a natureza divina ressuscitou a Lázaro e não a humana. Em qualquer caso, as duas naturezas operam e energizam a uma em comunhão com a outra. Isso significa que as duas naturezas são inseparáveis e indivisíveis. Elas nunca se separaram ou dividiram. Este é um grande Mistério. Um exemplo que podemos usar é o ferro quente. Se colocarmos ferro sobre o fogo, as duas naturezas de ferro e fogo se unem. Mas cada natureza mantém suas qualidades, porque se o ferro quente esfria, então permanece ferro e não é destruído. Certamente usamos moderadamente esse exemplo, porque não há analogia, uma vez que o Cristo tem uma natureza incriada e outra criada; no entanto, no ferro quente, as duas naturezas são criadas.

A natureza humana que o Cristo tomou da Panagia era pura e impecável. O Cristo nunca cometeu um pecado em Sua vida. Embora Sua natureza humana fosse pura e santa, Cristo com Sua liberdade tomou as chamadas "paixões irrepreensíveis", isto é, as paixões que não são pecados, como fome, sede, fadiga, até a morte. As paixões irrepreensíveis não atuavam de forma impositiva, mas foram governadas por Deus. Se todas as funções do corpo são suspensas nos santos que chegam à experiência da theosis, como vemos em Moisés acima do Monte Sinai, onde permaneceu quarenta noites sem comida ou bens materiais, o mesmo e incluso mais pode ser dito sobre Cristo. Ele tinha um corpo humano real, mas Ele próprio governa as paixões irrepreensíveis.

Finalmente, algo é percebido do Mistério da humanização de Cristo pelos santos que chegam à theosis e conhecem a metamorfose de suas naturezas pela energia incriada de Deus. Racionalmente, ninguém pode entender em sua plenitude. Aceitamos e continuamos a santificação.

13ª Catequese: Os sofrimentos e a ressurreição de Cristo

*Também por nós foi crucificado
sob Pôncio Pilatos;
padeceu e foi sepultado.
Ressuscitou ao terceiro dia,
conforme as escrituras;
E subiu aos céus,
onde está sentado à direita do Pai.
E de novo há de vir, em sua glória,
para julgar os vivos e os mortos;
e o seu reino não terá fim.*

“Também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos”. Cristo realmente morreu sobre a cruz. A morte na cruz foi terrível e vergonhosa. Seu corpo foi crucificado e morreu na Cruz, era um corpo real e não imaginário. Cristo morreu por nós de maneira que a Sua morte se converta em nossa vida. Ele não foi crucificado para expiar a justiça divina, porque tal concepção demonstra que Deus pode ser afetado pelas paixões. Mas Deus não tem paixões, ele não é passível, ele não se irrita e ele não precisa sacrificar Seu Filho para satisfazer Sua justiça. Cristo foi crucificado por amor ao homem. Ele morreu para libertar o homem da morte e dar-lhe a vida. A ênfase em mostrar que isto se sucedeu durante a hegemonia de Pôncio Pilatos, aquele governador romano, é feito para manifestar a historicidade do evento.

“Padeceu”. Foi a natureza humana de Cristo que padeceu, e não a divina. Mas a natureza divina padeceu juntamente. Podemos usar dois exemplos para tornar isso mais compreensível. Suponha que haja uma árvore iluminada pelo sol. Os raios do sol caem sobre a árvore. O lenhador que corta a madeira não pode cortar também as energias do sol. O outro exemplo é o ferro quente. Quando colocamos água, padece o fogo porque ele sai, mas não padece

o ferro, uma vez que não é destruído pela água. O mesmo, por analogia, também podemos dizer para o sofrimento de Cristo. Ele sofreu na natureza humana, não na divina: esta co-sofreu com a humana.

“Foi sepultado”. Cristo realmente morreu em sobre a Cruz e foi enterrado em um novo sepulcro. A descida da Cruz foi feita por Nicodemos e pelo ministro José. Assim, depois da morte e do enterro, o corpo de Cristo junto com a Divindade estava no túmulo, mas a alma junto com a Divindade foi até o Hades, onde as almas dos mortos se encontram. Ou seja, a Divindade não se separou da alma e do corpo. É por isso que o corpo permaneceu no túmulo incorruptível sem passar por nada, enquanto a alma no Hades libertou todos os justos do Antigo Testamento. Isso significa que o corpo após a partida da alma não sofreu nenhuma alteração. Isso, analogamente, podemos compreendê-lo pelas relíquias dos santos que ficam perfumadas e algumas permanecem totalmente incorruptíveis.

“Ressuscitou ao terceiro dia”. Depois de três dias, a alma voltou ao corpo outra vez e então ressuscitou. Ou seja, a Divindade de Cristo ressuscitou sua natureza humana. Nos evangelhos há muitas descrições de como Cristo apareceu às mulheres Miróforas [isto é, às portadoras de mirra] e aos Seus discípulos e deu-lhes paz, alegria, benção e o Espírito Santo para perdoar os pecados. O corpo após a ressurreição estava incorruptível e espiritual, não se bloqueava por distâncias e restrições, assim como os corpos dos justos serão após a ressurreição dos mortos. A ressurreição de Cristo é o preâmbulo da nossa ressurreição.

“Segundo as escrituras”. O incrível é que o Cristo revelou aos Profetas e aos justos do Antigo Testamento todas essas coisas que iriam acontecer. Assim, os Profetas descrevem muitos anos antes de tudo o que aconteceria. O profeta Isaías é chamado “a grande voz dos profetas” e “o quinto evangelista”, porque há oitocentos anos antes ele fez descrições detalhadas.

“E subiu aos céus, onde está sentado à direita do Pai”. "Subiu aos céus" não significa que ele desceu como dissemos em outra Catequese. A

descida é entendida no sentido de tomar a natureza humana, quando ele se tornou um homem sem deixar de ser Deus. Cristo, como Deus, estava ao mesmo tempo no céu, unido a seu Pai, e na terra se relacionando com os homens. "Subiu ... e sentou-se à direita do Pai" significa que a natureza humana também se elevou e foi glorificada. Exatamente por esta razão nós podemos ser curados e nos salvar, porque o Cristo divinizou e glorificou a natureza humana e se encontra à direita do Pai.

“E de novo há de vir, em sua glória”. E virá uma segunda vez cheio de glória. Aqui se fala sobre a segunda vinda de Cristo. A primeira vinda, que era pobre e desconhecida para a maioria dos homens, foi feita com Sua humanização pela Toda-Pura. A segunda vinda será feita com grande glória, uma vez que virá com seus anjos e todos o verão no trono da glória incriada. Quando será que esta Segunda Vinda é totalmente desconhecida por nós (ver Mateus 24:36 e Hebreus 1:7).

“Para julgar os vivos e os mortos”. Na Segunda Vinda de Cristo os homens serão julgados. Serão julgados aqueles que então estarão vivendo e aqueles que já morreram, uma vez que ressuscitarão. Cristo referiu-se ao que acontecerá neste futuro julgamento (Mateus 25:31-36). Nesta seção da parábola fica claro que todos verão a Deus, mas para alguns Deus será o Paraíso e para os outros, o Inferno. Ou seja, aqueles que desde esta vida adquiriram um olho espiritual limpo, verão a glória de Deus e aquilo é chamado de Paraíso; em vez disso, aqueles que são espiritualmente cegos viverão como fogo, que é o inferno. Por exemplo, podemos dizer que o sol tem energia iluminante e uma cáustica. Aqueles que têm olhos vêem a energia iluminante e os cegos sentem a energia cáustica. Isto é essencialmente paraíso e inferno, como também é representado na iconografia da Segunda Vinda, onde os justos, por um lado, estão dentro de nuvens iluminantes e, por outro lado, pecadores estão dentro de um rio de fogo que emana do trono de Cristo.



“E o seu reino não terá fim”. O Reino incriado de Deus é o Paraíso, a comunhão do homem com Deus. Vivemos desde agora o Reino como noivado, mas então viveremos como um casamento. O Reino de Deus não tem fim. Será eterno e sem fim, da mesma maneira que o Inferno também será interminável.

14ª Catequese: A divindade do Espírito Santo

*Creio no Espírito † Santo,
Senhor que dá a vida,
e procede do Pai;
e com o Pai e o Filho
é adorado e glorificado:
Ele que falou pelos profetas.*

O Segundo Sínodo Ecumênico ocupou-se principalmente da Divindade do Espírito Santo, porque então havia dúvidas se Espírito Santo fosse Deus.

"(Creio) no Espírito Santo, Senhor da dá a Vida". Estes três adjetivos - "santo, senhor, vivificante" - mostram a Divindade do Espírito Santo. Além disso, esses três adjetivos e nomes são dados às três Pessoas da Santíssima Trindade. O Pai, o Filho e o Espírito Santo criaram e vivificam toda a criação.

O Espírito Santo põe-se em terceiro, como o Filho também se torna o segundo do Pai, mas isso não significa a inferioridade do Filho em relação ao Pai, nem a inferioridade do Espírito Santo em relação ao Filho ou ao Pai. As três Pessoas da Santíssima Trindade são a mesma essência, a mesma glória, iguais entre si. Um exemplo claro temos nos lados do triângulo equilátero. Nenhum dos lados é superior ou inferior aos outros. O Pai é colocado primeiro, porque Ele é a causa do nascimento do Filho e da origem do Espírito Santo. O Filho se torna o segundo, porque ele nasceu do Pai e o sentimos mais próximo por causa da humanização. Em qualquer caso, a ordem das pessoas às vezes é ligada para que a igualdade de valor possa ser vista. Por exemplo, "a Graça do Senhor Jesus Cristo e o amor de Deus Pai e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós" (2ª Corin 13:13). Aqui, Cristo é colocado primeiro, o Pai segue e depois o Espírito Santo.

“Que procede do Pai”. O filho nasce, o Espírito Santo procede do Pai. Isso não podemos entender racionalmente. Cristo nos revelou quando ele disse: "Quando chegar o Consolador, que eu enviarei do Pai, o Espírito da verdade, que procede do Pai, ele dará testemunho de mim" (Jo 15:26) . Aqui vemos que o Espírito Santo procede do Pai e é enviado através do Filho, mas finalmente ele testifica sobre o Cristo e através dele a formação de Cristo é feita dentro de nós.

Os Francos adicionaram ao "Símbolo da Fé" o Filioque, entre as palavras "Pai" e "procede". Ou seja, "que procede do Pai e do Filho". Mas isso é um erro e cria grandes problemas. Primeiro, eles não tinham o direito de fazê-lo, porque o Terceiro Sínodo Ecumênico disse que ninguém deve adicionar ou remover uma sílaba do "Símbolo da Fé". Além disso, assim como entende-se no caso do Filho que ele nasceu apenas do Pai, assim também entende-se no caso do Espírito Santo que ele procede apenas do Pai. Este ensinamento dos francos leva à subestimação do Espírito Santo ou à dissolução da Santíssima Trindade. Porque se o Espírito Santo vem do Pai e do Filho significa que é inferior a eles, porque não participa da existência das outras Pessoas. Mas se ele também deve participar, então as qualidades hipostáticas (bases substanciais e pessoais) são dissolvidas, pois pode ser apresentado que o Filho nasceu do Espírito Santo. Além disso, também pode haver outra pessoa que venha do Espírito Santo; portanto, a Santíssima Trindade é dissolvida.

Cristo revelou claramente que o Espírito Santo procede do Pai e é enviado pelo Filho. Os francos chegaram a este ensinamento herético porque se distanciaram da teologia empírica da Igreja, perderam as condições da verdadeira teologia ortodoxa, a correta, e alteraram o caminho pelo qual nós chegamos à comunhão com Deus, criando a idéia de que a teologia reflexiva é superior à teologia de nossos Santos Padres. Confiamos no que Cristo nos revelou e os santos viveram.

“E com o Pai e o Filho é adorado e glorificado”. Esta frase mostra a divindade do Espírito Santo. Portanto, o Espírito Santo não é inferior às outras

duas pessoas da Santíssima Trindade, uma vez que é adorado e glorificado juntamente com o pai eo filho.

“Ele que falou pelos profetas”. O Espírito Santo falou aos profetas e revelou-lhes as verdades da fé. É claro e sabemos que as revelações do antigo testamento são revelações do Verbo não encarnado. Mas estas revelações são feitas através do Espírito Santo. Geralmente podemos dizer que não é um trabalho de Cristo e outro o do Espírito Santo. Cristo envia o Espírito Santo e, desta forma, educa em nossos corações em Cristo. Através do Espírito Santo se limpa, cura e purifica o coração e nos une com Cristo. Quanto mais unidos estamos com Cristo, mais sentimos os dons do Espírito Santo.

15ª Catequese: e Igreja e suas qualidades

Creio na Igreja

Una †, Santa, Católica e Apostólica.

O "símbolo da fé" é o trabalho da igreja, bem como a escritura divina. A Igreja escreve a Sagrada Escritura, interpreta-a e cria dogmas. Quero dizer, coloca os limites entre a mentira e a verdade. A Igreja compõe os cânones para o seu funcionamento normal e bom, bem como para a "psicoterapia" para curar seus membros doentes.

A Igreja Ortodoxa é o corpo de Cristo que ele tomou da Toda-Pura e glorificou. A Igreja não é uma corporação humana, nem uma organização, mas o corpo divino-humano de Cristo.

Há uma estreita ligação entre a ortodoxia, a Igreja e a Santa Eucaristia. A ortodoxia é a verdadeira fé da Igreja e a divina Eucaristia é a verdadeira prática da igreja. Se há Igreja sem ortodoxia e Eucaristia, então não é igreja. Se há ortodoxia fora da igreja e da divina Eucaristia então não é ortodoxia. E se há divina Eucaristia sem ortodoxia e sem igreja então não é a verdadeira divina Eucaristia. É por isso que argumentamos que fora da Igreja Ortodoxa não há Igreja, mas heresia. Assim, os hereges precisam voltar para a única Igreja verdadeira, que é a Ortodoxa, de onde eles nunca deveriam ter saído.

No Símbolo da Fé confessamos e cremos nas quatro qualidades básicas da Igreja:

“Una”. A igreja é uma e não muitos. Apesar do número de igrejas locais, somente uma é Igreja, ou seja, há muitos Patriarcados Ortodoxos e Igrejas Autocéfalas, mas por ter a mesma fé e comunhão entre si, elas constituem uma única Igreja. Podemos usar um exemplo. Um deles é o pão acima da mesa sagrada. Aqueles de nós que comungam, não comungamos uma parte de Cristo, mas o Cristo inteiro, uma vez que "o cordeiro de Deus é partido e repartido, repartido mas não dividido." O mesmo é feito também com as

Igrejas Ortodoxas. Constituem o único e único Corpo de Cristo. Por isso que aqueles que por causa da heresia se afastaram da verdadeira Igreja devem retornar.

“**Santa**”. A igreja é sagrada, divina, porque foi santificada pela sua cabeça, que é Cristo. A Igreja não é santificada pelos seus membros, mas é Ela quem os santifica. Devemos permanecer na igreja para nos santificar. Fora dele é incerta nossa cura e salvação.

“**Católica**”. É chamada de católica por várias razões. Primeiro porque está em todo o mundo; segundo porque mantém toda a verdade; e terceiro porque a vida que tem é comum em todos. O adjetivo *católico* é identificado com *ortodoxo*. Católico é o Ortodoxo, que tem toda a verdade e é inteiramente transformado por ela.

“**Apostólica**”. A igreja se qualifica como apostólica porque tem Cristo como sua cabeça, que é o Enviado e Sacerdote; foi fundada na Fundação dos Apóstolos e dos Santos Padre.. Os pais são também os sucessores dos Apóstolos sagrados, tanto no sacerdócio como na instrução e no ensino. Eles têm a mesma fé e a mesma vida que os Apóstolos tiveram.

Permanecemos continuamente dentro da igreja, aceitamos o ensinamento dos Santos, obedecemos os mandamentos e o ensinamento da Igreja, nós nos santificamos pelos seus mistérios e assim temos esperança na salvação. Nunca devemos sentir que temos de salvar a Igreja, mas permanecemos dentro dela para nos salvar. Cada membro da igreja que se afasta de seu corpo destrói a si mesmo e morre espiritualmente, como todo membro humano que se afasta do corpo humano morre. Estes tipos de membros são hereges, cismáticos e ateus.

16ª Catequese: a vida mística da Igreja

*Professo um só batismo
para remissão dos pecados.*

A igreja tem sentido, significado e contexto nos mistérios. Pelos mistérios da Igreja o cristão mostra que ele é um membro do corpo de Cristo, uma vez que com eles se une ao divino-humano Corpo de Cristo e saboreia a energia não criada da divina Graça.

“Professo um só batismo”. O batismo sagrado é e é chamado de Mistério Introdutório, porque nos introduz à Igreja e nos faz membros do Corpo de Cristo. O batismo nos enxerta na nova vida. Antes do batismo na Igreja antiga vinha a catequese, que preparava o homem e dava-lhe a possibilidade de se tornar um membro real do Corpo de Cristo. O estudo das bênçãos ou orações do mistério do Batismo mostra qual é o seu propósito e o grande valor que tem.

Cristo indagou seus discípulos: "Ide, pois, e ensinai a todas as nações; batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. 20. Ensinai-as a observar tudo o que vos prescrevi" (Mt 28.19-20). Assim, são chamados a transformar os homens em discípulos de Cristo, batizando-os ensinando-os a cumprir seus mandamentos.

Portanto, o batismo é necessário, mas também é a ascese, que não é nada mais do que a tentativa e esforço para cumprir em nossas vidas os mandamentos de Cristo. Mistérios sem a ascese não ajudam e ascese sem Mistérios não significa comunhão com Cristo.

Cristo disse a Nicodemos: "quem não renascer da água e do Espírito não poderá entrar no Reino de Deus" (Jo 3:5). De acordo com a interpretação de São Simeão o novo Teólogo, é necessário conectar o batismo da água com a do Espírito, que é a chegada da energia Incriada da divina Graça no coração. Um exemplo característico aparece nos atos dos Apóstolos. Os cristãos de Samaria

havam sido batizados em nome do Senhor Jesus, mas não tinham o Espírito Santo. Então Pedro e João foram para Samaria, e "lhes impuseram as mãos e receberam o Espírito Santo" (Atos 8.14-17). A imposição das mãos hoje está ligada ao Santo Crisma.

“Para a remissão dos pecados”. O santo Batismo concede a remissão dos pecados, que não deve ser interpretado como um julgamento mundano legal, mas como uma libertação da culpabilidade do pecado ancestral, e também deve ser interpretado terapeuticamente. Ou seja, o "como imagem" do homem é limpo e curado, o *nous* ilumina-se e retorna à vida natural. É neste sentido que falamos sobre a remissão dos pecados. Além disso, o pecado é o escurecimento do *nous* e do "como imagem."

O santo Batismo é o mistério da iniciação, porque introduz o homem na Igreja. O objetivo do batismo é conduzir à comunhão do Corpo e do Sangue de Cristo. Então a divina Eucaristia é o centro de todos os mistérios da vida eclesial, bem como da vida espiritual do homem. Sem a divina Eucaristia não se pode viver. Mas a participação na comunhão divina é análoga ao grau de purificação, iluminação e glorificação do homem.

17ª Catequese: A ressurreição dos mortos e a vida futura

*Espero a ressurreição dos mortos;
E a vida do mundo que há de vir. Amém.*

“Espero a ressurreição dos mortos”. No "Símbolo da Fé", confessamos que esperamos a ressurreição dos mortos. Quando por *ressurreição dos mortos* entendemos *a ressurreição dos corpos*. Os corpos, que com a morte estão separados da alma, ressuscitarão, isto é, as almas retornarão aos corpos e eles serão vivificados. Todo o homem tem que viver eternamente.

Todos os corpos dos justos e injustos, santos e pecadores, serão ressuscitados. Assim, podemos falar de restauração da natureza e não de restauração da vontade. O dom da ressurreição será dado a todos os homens, justos e injustos. Então, todos serão ressuscitados, mas somente os justos subirão e serão apanhados "entre as nuvens no ar para encontrar o Senhor" (1 Tess 4:17).

A ressurreição de Cristo é o preâmbulo da nossa ressurreição. Os santos vivem agora a ressurreição dos corpos, dado que a morte foi anulada e que a partida da alma do corpo é como um adormecer. Mas nós também podemos viver essa grande verdade. As relíquias dos santos são prova de que os santos dormem e que a morte foi anulada. A morte dos justos é como um sonho. Seus corpos incorruptíveis que perfumam e realizam milagres dão-nos um sabor antecipado da futura ressurreição. Assim, o trabalho da igreja é fazer do corpo o homem uma "reliquia".

A ressurreição dos mortos acontecerá com certeza. Temos confirmação absoluta para Cristo. Mas não sabemos quando. O tempo da segunda vinda de Cristo é desconhecido e os anjos também a ignoram. Ele é conhecido apenas pelo Pai.

Os corpos ressuscitados serão espirituais. O apóstolo Paulo escreve sobre este assunto: "Assim também é a ressurreição dos mortos. Semeado na corrupção, o corpo ressuscita incorruptível; semeado no desprezo, ressuscita glorioso; semeado na fraqueza, ressuscita vigoroso; semeado corpo animal, ressuscita corpo espiritual. Se há um corpo animal, também há um espiritual" (1 Cor 15:42-44).

Isso acontecerá para aqueles que estarão dormindo (mortos). Mas para os homens que estarão vivos no momento da segunda Vinda de Cristo, o apóstolo Paulo diz que eles serão automaticamente transformados. "...nem todos morreremos, mas todos seremos transformados, 52.num momento, num abrir e fechar de olhos..." (1Cor 15:51-52).

“E a vida do mundo que há de vir”. Terminando o Símbolo da Fé, confessamos que acreditamos na vida eterna. Realmente a vida do homem não se esgota nesta vida aqui, nem a alma desaparece após sua saída do corpo. A alma do homem é imortal por meio da Graça. Isso significa que cada um criado por natureza tem princípio e fim. Mas Deus quis que a alma do homem fosse imortal. É verdade que isso deve ser dito da perspectiva de que a alma e o corpo por si só não compõem o homem inteiro, mas esse homem tem as duas partes juntas. Assim, o homem inteiro viverá eternamente.

Existem duas formas de vida eterna. Uma é "o contínuo e sempre bem-estar" e o "contínuo e sempre mal-estar". O primeiro se conecta com a comunhão do homem com Deus e a participação nEle como luz incriada, enquanto o segundo se conecta com a alteração de Deus ou a experiência de Deus como escuridão. Todos os homens verão Deus, mas para os justos será visão, contemplação e participação, mas para os pecadores não será participação, mas inferno.

"Amém". O amém tem dois significados. O primeiro é a oração ou a bênção e a segunda é a confirmação. Recitando o *Creio*, por um lado, confirmamos as coisas confessadas e, por outro lado, abençoamos, desejando que todas essas coisas se realizem em nossa vida pessoal.

Espero que essa confissão de fé se torne uma experiência em nossa vida pessoal e seja nosso sangue e comida.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Após o final da Catequese, podem ser feitas perguntas ao Catecúmeno referentes ao conteúdo da Catequese.

É verdade que estas questões não têm o caráter de exame, embora isso seja muitas vezes essencial para a formação lógica sobre os temas da fé, como a apresentação resumida das verdades que foram ensinadas.

Além disso, como dissemos em outro capítulo, a fé introdutória é a chamada fé lógica que é feita pela escuta.

As perguntas e respostas referem-se principalmente a duas realidades.

Primeiro, é a repetição do que foi ensinado ao Catecúmeno. Com as perguntas e respostas você terá a possibilidade de lembrar os pontos centrais da Catequese e mantê-los em sua memória. Este conhecimento lógico em combinação com a experiência eclesial, irá ajudá-lo a conhecer o ensino da Igreja que consiste na verdade revelada de nossa fé. A segunda realidade é que ajudará o Catequista-sacerdote de uma maneira simples a ver em resumo como anda a Catequese. Portanto, quando não há tempo suficiente, com essas simples perguntas e respostas e com os diagramas expostos no início de cada Catequese, cada Catecúmeno pode ser catequizado.

As respostas completas às perguntas estão na Catequese correspondente. É por isso que as perguntas são feitas de acordo com a ordem da Catequese. Isso torna mais fácil para o Catequista e para o Catecúmeno.

PRIMEIRA CATEQUESE

1. Por que nos chamamos cristãos?

Porque nos unimos a Cristo.

2. O que a palavra Cristo significa?

Cristo significa o crismado [ungido], porque a natureza humana foi batizada pela Divindade.

3. O que é o Cristo?

O Messias, o Deus perfeito e homem, Deus-homem.

4. Quais povos esperavam o redentor e o salvador?

Todos os povos. Os gregos, os romanos e os povos orientais.

5. Onde se vê a superioridade de Cristo comparada aos deuses de outras religiões?

Cristo não é homem, mas Deus-homem, ressuscitou dentre os mortos e é o vencedor da morte.

6. Qual é a obra de Cristo?

A cura e salvação do homem, isto é, a aniquilação do diabo, da morte e do pecado.

7. Onde podemos ver a obra de Cristo?

No Novo Testamento. Nos Evangelhos vemos o que ele disse, o que ele fez, o que aconteceu e nos Atos dos Apóstolos; também em suas epístolas vemos os frutos de Sua humanização e a glorificação do homem.

8. Como podemos viver a vida dele?

Dentro da Igreja com os Mistérios e com a realização e aplicação de seus mandamentos.

9. Você consegue lembrar alguns nomes de Cristo que a Sagrada Escritura lhe dá para indicar Seu relacionamento conosco?

Caminho, fundação, raiz, vinhedo, pastor, cordeiro, vida, penhor, pão, casa, etc ...

10. O que são parábolas?

São ícones, imagens e histórias que escondem grandes verdades.

11. Você pode contar a parábola do insaciável filho pródigo?

SEGUNDA CATEQUESE

1. Por que Deus é chamado de Pai?

A primeira Pessoa da Santíssima Trindade é chamada de Pai, porque o Filho nasceu dele antes dos tempos e se chama Deus Triuno porque criou o homem no tempo.

2. Quem é o Deus verdadeiro?

A Trindade, o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

3. Como sabemos que Deus é Triuno?

Pelas revelações de Cristo, dos acontecimentos do Batismo, da transfiguração e do testemunho dos santos que os viveram pessoalmente.

4. Como podemos adquirir experiência pessoal de Deus triuno?

Aceitamos o testemunho dos santos, depois com a "psicoterapia" curamos e purificamos o coração, participamos dos Mistérios e podemos alcançar a revelação no coração.

5. Existem exemplos na natureza que podem indicar que Deus é triuno?

Um exemplo é a existência dos três sóis. Os sóis são diferentes, mas eles têm o mesmo esplendor.

6. O que significa que Deus é Pessoa e não uma força superior, ou Trindade e não mônada (unidade)?

Deus tem amor, coisa que não pode ter uma força superior, nem a mônada (unidade)

7. O que significa de acordo com o mahometanismo de que Deus não tem Filho?

Que não tem amor eterno. É por isso que no mahometanismo fala-se de Deus apenas sobre sua justiça e misericórdia, mas não sobre amor.

8. Como a salvação é compreendida no budismo?

Como identificação absoluta da psique individual (Atman) com a psique universal (Brahman). A anulação da pessoa não é verdadeira cura ou salvação.

9. Por que os deuses dos idólatras não são deuses verdadeiros?

Porque eles são possuídos de paixões e, essencialmente, são inexistentes.

10 As religiões antigas falavam sobre Deus triuno? O que eles entenderam?

Sim, falavam, mas eles o entenderam em uma relação carnal, assim como no Egito, até um deus foi considerado destrutivo por eles, como na Índia.

11. Além da imagem, ícone do Pai, existem outras imagens na Sagrada Escritura para apresentar a Cristo?

Há muitos. Dois deles são imagens de irmão e amigo.

TERCEIRA CATEQUESE

1. Qual a diferença entre o Logos como Filho de Deus e o homem como filho de Deus?

A segunda Pessoa da Santíssima Trindade é o Filho por natureza, e o homem é filho pela Graça (como um filho adotado). Além disso, o Logos é inciado e o homem é criado

2. O que precedeu a criação do homem?

A criação do mundo espiritual (a dos anjos) e do mundo sensível (toda a criação).

3. Como se entende que o Homem é criado como uma imagem e semelhança de Deus?

A "como imagem" refere-se à sua natureza, isto é, que tem nous e liberdade, ou nous, razão e espírito. A "semelhança" refere-se à glorificação, que é quando você se uniu a Deus.

4. Quem é o protótipo, o arquétipo do homem?

A Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, o Verbo de Deus, o Cristo.

5. Qual o propósito, a finalidade do homem?

Alcançar a glorificação, isto é, a união e a comunhão com Deus.

6. Como era o paraíso?

Perceptível, tangível, isto é, um lugar abençoado e espiritual; era a comunhão do homem com Deus.

7. Qual é a essência da queda do homem?

Apostasia, deserção de Deus, afastando-se dele, apoiada na força humana e não na obediência a Deus.

8. Quais são as conseqüências da queda?

O escurecimento do nous ou a falta de sua energia divina incriada, a desnudez da Graça, o desgaste, a privação, a escravidão e a mortalidade.

9. O que significa que o homem está espiritualmente morto?

Que vive biologicamente e não tem o Espírito Santo, a Graça de Deus.

10. Como se justifica o desejo do Batismo?

Queremos voltar para o Paraíso, adquirir novamente a união com Deus e libertar-nos do distanciamento, da migração e da privação.

QUARTA CATEQUESE

1. Quem é o novo paraíso?

A Igreja Ortodoxa pela qual chegamos à glorificação.

2. Como é a parábola do insaciável filho pródigo interpretado por São João Crisóstomo, em relação ao batismo dos Catecúmenos?

A casa é a Igreja. O vestuário é a Graça do Espírito Santo. O anel indica o noivado espiritual, que é guardado pelo Espírito Santo. Manifesta a adoção. O calçado é a força de Deus, para que o diabo não golpee o homem na perna. A cevada de vitela é a divina Eucaristia. A celebração é a alegria da Igreja pelo retorno do homem ao Paraíso.

3. Quais são os principais mistérios da Igreja?

O Batismo, o Crisma e a divina Eucaristia.

4. Onde é visto o valor da divina Eucaristia?

No que é o centro ou principal de todos os Mistérios e que comemos o Corpo de Cristo e bebemos Seu Sangue.

5. Quais são os outros Mistérios?

A metania (introspecção, arrependimento e confissão), o Sacerdócio, o casamento e a Unção dos Enfermos (bênção de óleo para os doentes).

6. O que é a Igreja de acordo com o ensino ortodoxo?

É o corpo de Cristo que tomou da Toda-pura, o deificou, o glorificou, e a comunhão dos santos.

QUINTA CATEQUESE

1. Os clérigos são representantes de Deus?

Não, eles não são representantes de Deus, mas instrumentos, eles são o Mistério da presença sensível de Cristo, eles são tipo.

2. Quais são os graus do sacerdócio?

Três, o bispo, o presbítero e o diácono.

3. Em que consiste a sucessão apostólica?

Na continuação da Graça do sacerdócio ou da Santidade dos Apóstolos até hoje e da manutenção da verdade.

4. Qual é o trabalho do clero?

"Psicoterapia" para curar os homens e celebrar os Mistérios da Igreja.

5. O que é a Igreja militante e o que é triunfante?

A militante são os cristãos que vivem e lutam para unir-se com Deus e os triunfantes são os santos que já "adormeceram" e vivem na Realeza incriada de Deus.

6. Quem são chamados Santos?

Aqueles que participam da deificante energia incriada de Deus.

7. Que qualificações foram dadas pela Tradição à Mãe de Cristo?

Muitas. Entre eles, Theotokos, a Mãe-de-Deus; Toda-Pura; e Siempre-virgen.

8. Como se entende que a Mãe-de-Deus é a mediadora entre nós e Cristo?

O mediador entre Deus e os homens é Cristo. A Mãe-de-Deus é mediadora entre nós e Cristo.

9. Por que amamos A Toda-Pura?

Porque amamos Cristo e para alcançar o amor de Cristo.

10. Em quantas categorias os Santos se separam?

Existem os profetas, os apóstolos e todos os outros santos que são compostos por mártires (testemunhas), mártires por martírio, santas e santos casados. São santos de todas as idades, de todos os ofícios, de todas as etnias e de todos os tempos.

11. Qual foi a vida e o comportamento do Santo de quem você chamará seu nome e será seu protetor?

SEXTA CATEQUESE

1. São Gregório Palamás diz que insaciável é o nous do homem que se afasta de Deus e do coração. Como você entende isso?

A vida natural do nous deve ser encontrada em Deus e no coração. Quando é espalhada pela criação através dos sentidos e deixa Deus, então é insaciável.

2. Quais são as três forças da alma?

O nous, os logos e o espírito.

3. O que é o nous?

A melhor atenção, o olho da alma e o centro da existência do homem.

4. Qual é o movimento natural e não natural do nous?

O movimento natural e sobrenatural do nous é quando se volta para Deus e, nessa direção, mantém todas as forças da alma. O não natural é quando sai de Deus e distorce todas as outras forças da alma.

5. O que é pecado?

O escurecimento do nous (ou falta de energia divina), o distanciamento de Deus e o movimento não natural das forças da alma.

6. Qual é o caminho do pecado?

São as paixões (sofrimento, paixão, emoção, apego, mau hábito, patologia).

7. Qual é a verdadeira liberdade?

A interior, A existencial, a libertação das paixões e da morte.

8. O que são os demônios?

Espíritos maldosos e astutos que odeiam o homem.

9. O que são as paixões?

O movimento não natural das forças da alma. Paixão é quando o amor em vez de se voltar para Deus se volta para a criação. O mesmo vale para todas as outras forças da alma.

10. Quais são as principais paixões?

O amor excessivo para si mesmo e para o corpo de alguém, egolatria a partir da qual nascem a vanglória, avareza e voluptuosidade.

11. O que exatamente queremos dizer quando falamos de ascetismo ortodoxo?

O cumprimento dos mandamentos de Cristo, através do qual o coração é purificado e curado e adquiremos a iluminação do nous.

12. O que é o metania?

O movimento natural das forças da alma e o retorno a Deus e a iluminação do nous.

13. Quais são as qualidades da verdadeira metania?

O retorno do nous ao coração, a autocrítica e a auto-condenação, a inspiração para mudar, ter orientação espiritual do confessor, ir na Igreja e participação na ceia eucarística cristã ortodoxa.

SÉTIMA CATEQUESE

1. Quem é chamado de legislador?

Aquele que cumpre externamente a lei e não possui amor.

2. O batismo é suficiente para a salvação?

A ascese é necessária também após o batismo. Os batizados e aqueles que seguem a fé com certeza são salvos. É necessário o batismo e também o

cumprimento dos mandamentos. "Batizando e ensinando-os a cumprir os mandamentos", disse Cristo.

3. Se perde a graça incriada que se recebe com o Batismo por cometer pecado?

Não se perde, mas é coberta pelas paixões.

4. Que quer dizer dynamis (poder, força) e energia nos membros da Igreja?

O "poder dinâmico" manifesta aqueles que foram batizados e têm a possibilidade de alcançar a glorificação. A "energia" refere-se àqueles que energizaram e ativaram sua liberdade com essa possibilidade e chegaram à glorificação.

5. Quais são as qualidades dos membros vivos da Igreja?

Eles permanecem na Igreja, isto é, eles não participam de contra-sinagogas e assembléias heréticas, eles sentem que eles têm o Pai como Deus e como pais os Clérigos, a quem eles manifestam amor e quando eles pecam, eles retornam à metania.

6. O pecado é uma doença e o que fazemos para nos curar, para nos tratar?

Sentimos a doença, queremos a terapia, recorremos ao terapeuta, à nossa medicina espiritual e recebemos os remédios e seus mandamentos.

7. Como os doentes se curaram espiritualmente na antiga Igreja?

Incluindo-os na ordem dos arrependidos que recebiam a instrução terapêutica, naturalmente sem ter sido batizado novamente. O mistério do arrependimento era considerado o segundo batismo ou batismo de arrependimento.

OITAVA CATEQUESE

1. Por que, desde o início, a Igreja usou Símbolos?

Para que haja limites entre engano e verdade e para usá-los como confissões batismais.

2. Quais são os pontos mais básicos desses textos confessionais antigos?

Que Deus é trinitário e a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade tornou-se homem para curar e salvar o homem.

3. Existem textos na Sagrada Escritura que se manifestam como textos confessionais?

Três versos básicos O primeiro é da 1ª epístola a Timóteo (3,16), o segundo é da 1ª epístola aos Coríntios (15,3-8) e o terceiro é da epístola aos filipenses (2,5-11).

4. Qual foi o fator básico pelo qual esses tipos de textos simbólicos foram escritos?

O aparecimento de heresias que alteraram a verdade revelada da fé e também a breve confissão dos batizados.

5. Quem compôs o Símbolo da Fé que usamos hoje?

Os Padres dos dois primeiros Sínodos Ecumênicos.

NONA CATEQUESE

1. Você pode recitar o símbolo da fé de cor?

2. Quais são seus principais pontos?

Creemos no Pai que criou o mundo, no Filho que se tornou homem, sofreu, foi crucificado, ascendeu e se sentou à direita do Pai e virá a julgar os homens; acreditamos na Divindade do Espírito Santo; que a Igreja é una, católica e apostólica; que há um só batismo; que a ressurreição dos mortos acontecerá e haverá vida eterna.

DÉCIMA CATEQUESE

1. Quais são os dois graus de fé?

Fé pelo ouvir, que é quando ouvimos o Logos de Deus e a fé pela contemplação, quando vemos Deus.

2. Por que confessamos que o Pai criou o mundo?

Porque na era antiga os hereges sustentavam que o mundo é ruim e que foi criado por um deus inferior.

3. Quem pertence ao mundo invisível?

Os anjos e os demônios.

4. O que são os anjos?

Eles são espíritos litúrgicos. Eles pertencem às nove legiões: serafins, querubins, tronos, dominações, virtudes, poderes, principados, arcanjos e anjos.

5. Os demônios eram anjos? Sim, eles eram amáveis anjos, mas por orgulho pecaram e tornaram-se demônios, espíritos malignos.

6. ¿Qué es el hombre?

La creación más perfecta de Dios. Le ha creado el sexto día, ya que primero creó el mundo espiritual y el sensible. Es el resumen de la creación puesto que tiene cuerpo y psique. La psique y el cuerpo están estrechamente conectados entre sí.

DÉCIMA PRIMEIRA CATEQUESE

1. O que significa a frase "Senhor Jesus Cristo"?

Manifeste a qualidade de Cristo como Deus e o homem, isto é, Deus perfeito e homem perfeito. O Senhor manifesta a natureza divina, a de Jesus, o humano e o de Cristo, a união da natureza divina e humana na pessoa do Logos.

2. O que significa "Filho unigênito"?

Que o Logos é o único Filho, que nasceu do Pai. Assim, o Logos é Deus, consubstancial com o Pai.

3. Por que o Logos nasceu e não foi criado?

Porque é o verdadeiro Deus. Uma coisa é o nascimento e outra criação. O Logos nasceu, o homem foi criado. Assim como um trabalhador é pai, seu filho nasce, de modo que o trabalhador cria as obras que ele constrói.

4. Por que Deus é chamado de luz?

Porque aqueles que viram Deus o viram como Luz. A Luz é o Pai, a Luz é o Logos e a Luz é o Espírito Santo. Isto manifesta a divindade das Pessoas da Santíssima Trindade.

5. O que é essência e o que é energia?

A energia vem da essência. Por exemplo: a essência é o sol que está no espaço e suas energias são luz e calor que vem até nós. Participamos das energias do sol, não da sua essência. O mesmo acontece com Deus. Participamos de Suas energias. A diferença com o exemplo do sol é que a essência e a energia de Deus são incriadas; em vez disso, o sol e todas as coisas sensíveis são criadas.

DÉCIMA SEGUNDA CATEQUESE

1. Por que a humanização do Logos também é chamada de Economia Divina?

Porque a humanização mostra como Deus salvou o mundo. Por ela, o seu grande amor é visto para o homem.

2. Quantos nascimentos de Cristo temos?

Dois nascimentos. Um é o divino que foi feito antes dos séculos do Pai sem mãe e o segundo é o nascimento humano que aconteceu no tempo através da Toda-Pura sem um Pai Carnal.

3. Por que a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade foi humana e não as outras?

Porque o Logos de Deus anuncia a vontade do Pai, porque o homem é feito como imagem do Logos e por ele deve ser deificado e mesmo porque o Filho de Deus também se torne o filho do homem para que a qualidade do Logos permaneça imutável.

4. O Cristo com Sua humanização tomou apenas o corpo?

Não só corpo, mas a natureza humana inteira, nous, logos, alma e corpo. Ele também tomou-na realmente, não em aparência.

5. Cristo teve uma ou duas naturezas?

Cristo tinha natureza divina e humana, já que era Deus perfeito. As duas naturezas eram unidas, inconfundíveis, indivisíveis, inalteráveis e inseparáveis. Este é o grande mistério. Usando de condescendência, o exemplo do ferro em chamas: pode-se dizer que nestas duas naturezas também estão unidas, a de ferro e fogo. É verdade que, neste exemplo, as duas energias às vezes se separam, mas em Cristo nunca separaram nem jamais se separarão.

6. Como as duas naturezas operam e se energizam em Cristo?

Quando uma natureza operava, cooperava em comunhão com a outra. Na ressurreição do Lázaro, a natureza divina vivificou o morto Lázaro, a natureza humana chorou, mas as duas naturezas estavam unidas por causa de sua hipóstase.

7. Uma ou duas energias têm o Cristo?

Como tinha duas naturezas, também tinha duas energias. Não há natureza sem energia. A diferença é que a natureza não criada tem energia não criada, enquanto a natureza criada tem energia criada. O Cristo tinha energias criadas e incriadas.

8. Podemos dizer o mesmo também pela vontade?

É certo. O Cristo tinha duas vontades.

9. Uma vez que o Cristo tomou a natureza humana, isso significa que ele também tomou todos os resultados da queda, isto é, as paixões e a morte?

A natureza humana que Cristo tomou da Toda-Pura foi inteiramente pura e santa. Mas ele tinha as chamadas paixões "irrepreensíveis", isto é, fome, sede, fadiga e a possibilidade de morrer. E isso porque ele tomou um corpo real. Mas o Cristo dominou essas paixões irrepreensíveis e não foi governado por eles.

10. Por que sua mãe é chamada Mãe de Deus?

Exatamente porque ele não deu à luz um homem simples que depois tomou o Espírito Santo, mas deu à luz Deus com corpo e carne, isto é, deu natureza humana ao Filho de Deus.

11. Qual foi a pureza da Toda-Pura?

Para a graça de Deus e para a sua luta pessoal e para as purificações contínuas, a purificação de seus Progenitores.

DÉCIMA TERCEIRA CATEQUESE

1. Por que é enfatizado no Símbolo da Fé que Cristo sofreu durante o reinado de Poncio Pilatos?

Para manifestar a historicidade do evento. Cristo viveu em um lugar e uma hora específicos como um homem.

2. Foi a Divindade ou a carne de Cristo que sofreu?

Deus voluntariamente queria sofrer em Seu corpo e carne, mas não sofreu a Divindade através de seu corpo. A natureza divina nunca se separou da humana mesmo da Cruz. Ele sofria das paixões (natureza humana), mas não sofria a impassibilidade da natureza divina. Dois exemplos indicam essa realidade. Quando uma árvore que está iluminando é cortada em pedaços, a árvore está fragmentada, mas o sol permanece fragmentado. O mesmo acontece quando despejamos água em um ferro quente; então o fogo sofre, isto é, ele sai, mas o ferro permanece intacto, porque não se desfaz pela água.

3. Cristo realmente morreu na cruz?

A natureza humana realmente morreu. A Divindade permaneceu imortal.

4. Cristo desceu ao Hades?

A alma junto com a Divindade desceu a Hades, enquanto o corpo junto com a Divindade permaneceu no Sepulcro, assim o corpo era incorruptível. A Deidade não se separou, embora a alma estivesse separada do corpo.

5. O que significa que Cristo ressuscitou?

Ele ressuscitou a natureza humana através do divino. O Cristo como Deus ressuscitou a natureza humana.

6. Qual foi o corpo de Cristo depois da ressurreição?

Incorruptível, assim como os corpos dos homens serão após a ressurreição dos mortos.

7. O que você sabe sobre a Ascensão de Cristo?

Quarenta dias depois de Sua ressurreição, o Cristo ascendeu aos céus dos quais Ele nunca partiu como o Filho de Deus. Com a Ascensão, a natureza humana subiu e com ela sentou-se à mão direita do Pai.

8. Quando ocorrerá a Segunda Vinda de Cristo?

Isso é desconhecido. De qualquer forma, com certeza acontecerá, para julgar os homens.

9. O que é o Paraíso e o que é o inferno?

Todos verão Deus, mas os justos que adquiriram um olho espiritual limpo verão a qualidade da luz, e isto é o Paraíso; em vez disso, os pecadores, uma vez que não têm um olho espiritual limpo, mas escureceram o seu olho espiritual, sentirão a qualidade ardente da luz, e isso é o inferno.

10. O que é o Reino de Deus não criado?

É a comunhão do homem com Deus, a participação na Sua Glória. Vivemos de agora em diante com os Mistérios como num noivado e no cumprimento dos mandamentos de Cristo e na irradiação da Luz divina; por outro lado, na segunda vinda será como um casamento.

DÉCIMA QUARTA CATEQUESE

1. Qual Sínodo tratou da Divindade do Espírito Santo?

O segundo Sínodo Ecumênico no ano 381 d. C, em Constantinopla.

2. Que adjetivos são usados no "Símbolo da Fé" para o Espírito Santo?

Santo, Doador da Vida. Também é dito vir do Pai e ser co-venerado, co-adorado e co-glorificado junto com o Pai e o Filho. Esses adjetivos mostram Sua Divindade.

3. Por que os mesmos adjetivos são usados para as três Pessoas da Santíssima Trindade?

Porque as três Pessoas são a mesma essência, o mesmo valor e a mesma glória e têm as energias comuns. Os nomes expressam as energias (não criadas) de Deus.

4. O fato de que o Espírito Santo se torna terceiro na ordem depois que o Pai e o Filho significam que ele é inferior às outras Pessoas da Santíssima Trindade?

Não. A enumeração das Pessoas da Santíssima Trindade não é feita de acordo com o valor superior ou inferior, mas pela forma de existência. O Pai é a causa da existência das outras duas Pessoas, do Filho com o nascimento e do Espírito Santo com a origem. Ou seja, a forma com que o Filho existe é de nascimento e a do Espírito Santo de origem. As três Pessoas da Santíssima Trindade são iguais. O Pai é colocado primeiro porque Ele é a causa das outras duas Pessoas. Esta não entendemos com a nossa razão ou lógica, mas temos a revelação o próprio Cristo e é experimentada durante a Revelação pessoal de cada um.

5. Onde nos baseamos para dizer que o Espírito Santo vem do Pai?

Nas palavras de Cristo " Quando vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que procede do Pai, que se dará testemunho de mim "(Jo 15, 26).

6. Por que os Francos adicionaram o Filioque no Símbolo da Fé, isto é, que o Espírito Santo também vem do Filho?

Por se distanciarem do ensinamento dos Padres e não terem experiência pessoal dessa verdade; eles também tiveram e mantêm a convicção de que sua teologia ultrapassou a teologia dos Santos Padres da Igreja. Além disso, o filioque usou isso para causas políticas, para dominar a parte ocidental do Império Romano.

7. Os francos tiveram o direito de adicionar o Filioque?

Eles não o tinham. O terceiro Concílio Ecumênico e outros disseram que ninguém deve adicionar ou reduzir ainda que uma sílaba no Símbolo da Fé. Além disso, como no símbolo da fé significa que o Verbo nasceu somente do Pai, entende-se que o Espírito Santo também procede somente do Pai.

DÉCIMA QUINTA CATEQUESE

1. O que é a Igreja Ortodoxa?

O Corpo de Cristo.

2. Essa Igreja é invisível?

Não, é concreta, é uma comunhão dos santos.

3. Existem muitas igrejas?

Uma é a Igreja, uma vez que um é o Corpo de Cristo. A Igreja se comunica, se conecta com a Ortodoxia e a divina Eucaristia.

4. As outras igrejas assim chamadas, o que são?

Contra-sinagogas heréticas.

5. Quais são as quatro qualidades da Igreja como confessamos no Símbolo da Fé?

Una, Santa, católica e apostólica.

6. Por que se diz "una"?

Porque, apesar da existência das igrejas ortodoxas locais, um é o Corpo de Cristo.

7. Por que é dito "Santa"?

Porque Santa é a Cabeça e Ele também santifica todo o Corpo.

8. Por que é chamada de "católica"? (no sentido ortodoxo correto)

Porque é encontrada em todo o mundo e porque preserva a verdade total e inalterada; além disso, sua vida é comum a todos.

9. Por que é dito "apostólica"?

Porque sua cabeça, Cristo, é o apóstolo e sacerdote; foi fundada sobre os apóstolos e os pais, já que os pais são sucessores dos apóstolos.

DÉCIMA SEXTA CATEQUESE

1. Por que o Batismo é chamado de Mistério introdutório?

Porque através do batismo entramos na Igreja, no Corpo de Cristo.

2. Onde o Mistério do Batismo se sustenta na Sagrada Escritura?

Em muitos versos. Refereindo-me apenas às palavras de Cristo aos Seus discípulos após a ressurreição: "Ide, pois, e ensinai a todas as nações; batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-as a observar tudo o que vos prescrevi. Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo."

3. O santo batismo é suficiente para a salvação?

Exige-se também o cumprimento e aplicação dos mandamentos de Cristo. "Batizando-os e ensinando-os a cumprir"

4. Por que o Batismo está relacionado com a absolvição dos pecados?

Porque pelo batismo o "como imagem" do homem é limpo, o nous é iluminado e retorna à vida por natureza. O batismo não libera o homem da culpa, como dizem alguns, mas a "psicoterapia" cura e o leva à glorificação.

5. Por que confessamos "um batismo"?

Porque é feito uma vez. Se você deixar a Igreja, volta-se com o crisma. O Santo Batismo não é feito duas vezes, já que apenas uma vez se nasce.

6. Qual é a causa do batismo?

Introduzir o homem na Igreja e fazê-lo digno de receber o Corpo e o Sangue de Cristo. É por isso que o Batismo se conecta com a divina Eucaristia.

DÉCIMA SÉTIMA CATEQUESE

1. O que entendemos quando dizemos Da ressurreição dos mortos?

Sugerimos a ressurreição dos corpos, uma vez que a alma não morre.

2. Será que os corpos dos justos ressuscitarão?

Ressuscitarão todos os corpos, dos justos e dos pecadores.

3. Como sabemos que a ressurreição dos mortos vai acontecer?

Além do que o próprio Cristo nos contou, até mesmo os santos vivem a partir de agora a ressurreição dos corpos pela glória que eles recebem da Graça de Cristo e das relíquias dos santos.

4. Como serão os corpos dos homens após a ressurreição?

Eles serão espirituais. O apóstolo Paulo diz que eles serão incorruptíveis, glorificados, fortes e espirituais (1Cor 15,42-44).

5. O que acontecerá com os corpos das pessoas que viverão durante a Segunda Vinda?

Naquele momento, eles mudarão. O apóstolo Paulo diz: "... nem todos dormiremos, mas todos nós seremos transformados. Em um momento, em um piscar de olhos ... "(1Cor 15, 51-52).

6. O que a vida eterna significa?

É a vida do homem após a morte e acima de tudo a participação dos justos na glória de Deus.

7. Qual a diferença entre os justos e os pecadores?

Os justos viverão o "contínuo bem-estar" e os pecadores o "contínuo mal-estar".

8. O que significa "Amém"?

Tem dois significados. O primeiro é a confirmação, isto é, confessamos que todas essas coisas são verdadeiras. O segundo é a bênção, isto é, abençoamos e desejamos que a Segunda Vinda de Cristo venha o mais rápido possível para desfrutar Sua Glória.

Essas perguntas e respostas se referem às verdades que foram ensinadas aos Catecúmenos. Se o Catequista-sacerdote também fala sobre outros temas, como as diferenças entre a Igreja Ortodoxa e outras confissões (papismo, protestantismo, etc.), as questões correspondentes também devem ser feitas.

O fato é que, dessa forma, o conhecimento será consolidado, conhecimento adquirido pelos Catecúmenos através da Catequese.

